

**ASSOCIAÇÃO PIAUIENSE DE CULTURA SUPERIOR
INSTITUTO CATÓLICO DE ESTUDOS SUPERIORES DO PIAUÍ
LICENCIATURA EM FILOSOFIA**

WAGNER FRANCISCO DE SOUSA CARVALHO

O CONCEITO DE SUBSTÂNCIA EM ARISTÓTELES, DESCARTES E ESPINOSA

**TERESINA
2014**

WAGNER FRANCISCO DE SOUSA CARVALHO

O CONCEITO DE SUBSTÂNCIA EM ARISTÓTELES, DESCARTES E ESPINOSA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como pré-requisito para obtenção de licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Pe. Flávio de Sousa Santiago.

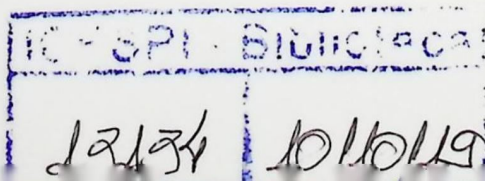
O CONCEITO DE SUBSTÂNCIA EM ARISTÓTELES, DESCARTES E ESPINOSA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí - ICESPI como pré-requisito para obtenção de licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Pe. Flávio de Sousa Santiago.

p.66

cod. 5855
100
C331e
Ex.01

TERESINA
2014



WAGNER FRANCISCO DE SOUSA CARVALHO

O CONCEITO DE SUBSTÂNCIA EM ARISTÓTELES, DESCARTES E ESPINOSA

Trabalho de Conclusão de Curso - TCC apresentado ao Instituto Católico de Estudos Superiores do Piauí – ICESPI como pré-requisito para obtenção de licenciatura em Filosofia, sob orientação do Prof. Ms. Pe. Flávio de Sousa Santiago.

Data de Aprovação: **05 de dezembro de 2014**

Prof. Ms. Pe. Flávio de Sousa Santiago.
Orientador

Prof. Dr. Pe. Wellistony C. Viana

Prof. Ms. Pe. Jonilson Torres

Conceito: _____

À minha família, em especial, aos meus pais e minha irmã, pelo apoio recebido durante a elaboração deste trabalho.

Agradeço a Deus por conceder a este pobre servo a faculdade de pensar, pela possibilidade de experimentá-lo como Princípio de todas as coisas, a Substância por excelência.

À Diocese de Picos, na pessoa do senhor Bispo Dom Plínio, que confiou-me nestes três últimos anos a responsabilidade de conhecer pelas linhas escritas do pensamento, a maneira mais fácil, de ler o “livro escrito pela história do nosso povo sofrido”.

À paróquia Nossa Senhora do Perpétuo Socorro, meu pároco e amigo, Padre Adalto que nas incansáveis vezes, me deu força repetindo a frase: “são nos pequenos frascos que estão às grandes essências”.

À minha amada família, em especial aos meus pais, Francisco das Chagas e Maria das Graças, a minha irmã Rafaela, pelas inúmeras contribuições, pelo apoio e a constante presença na minha caminhada.

Aos companheiros de caminhada que conviveram comigo sentindo os mesmos desafios e anseios, mas que hoje juntamos as vozes para, num ato de reconhecimento, imitar o Apóstolo Paulo dizendo: “tudo podemos com Aquele que nos fortaleceu”. (Fl 4, 13).

Aos meus amigos e amigas de infância que no desabrochar da juventude me ensinaram a ser um vencedor na vida. Por esta razão, é que posso dizer com o poeta: “o vitorioso tem muitos companheiros; o vencido, bons amigos”. Vocês também fazem parte desta vitória.

Ao prof. Padre Flávio Santiago por sua dedicação e colaboração no decorrer deste Trabalho de Conclusão.

À profa. Rosa Guimarães e os demais professores do ICESPI por compartilharem comigo os seus conhecimentos.

RESUMO

SOUSA CARVALHO, Wagner Francisco de. **O Conceito de Substância em Aristóteles, Descartes e Espinosa**. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. 73f. 2014. Licenciatura em Filosofia. ICESPI. Teresina

Este Trabalho de Conclusão tem por objetivo apresentar o pensamento de Aristóteles, Descartes e Espinosa a cerca da substância. Demonstramos, ainda, que o referido conceito se manifesta em contextos históricos diversificados gerando, também, diferentes reflexões. Em Aristóteles, a substância se apresenta como aquilo que se opõe a tudo o que é ornamental, artificial. Ela pode ser identificada como o ser propriamente dito, dotado de identidade singular e identificada como a causa primeira. Em Descartes, a substância se apresenta como uma dimensão essencial do homem. Ele a divide em duas: *res cogitans* e *res extensa* e identifica, nelas, o pensamento e a matéria. Baruch de Espinosa, o terceiro filósofo que abordamos, ensina que a substância é o próprio Deus que em sua ilimitação manifesta na natureza finita a sua infinitude. O pensamento e a matéria, em Descartes, se apresentam como duas substâncias, em Espinosa, atributos e modos manifestam a grandeza de uma única substância. Não é, portanto, estranho de se notar a necessidade de um princípio primeiro como base constituinte de algo. A causa primeira de todas as coisas remete a um fundamento por excelência que, seguindo as reflexões que foram feitas levam a Deus. A este, Aristóteles, chamou de Motor Imóvel, Descartes de ser perfeito e, Espinosa, de substância única. Concluimos recordando que a pergunta pelo princípio primeiro das coisas não se encontra entre aquelas que são articuladas pelo homem do nosso tempo. Na realidade, os homens da atualidade se contentam com o que fenômenicamente se apresenta, com o que aparece, com o que é mostrado. Vem justamente desta situação, o imperioso desejo de retornar a substância como princípio primeiro. Os tempos modernos estão a demonstrar que quando se enfraquece a vontade de ir além da manifestação das coisas a razão se fragiliza, se deixa instrumentalizar. Torna-se atual o pedido, feito aos filósofos pelo Papa João Paulo II, de buscar fazer a razão passar do fenômeno para o fundamento (*Fides et Razio*, 83) e, neste último se encontra, justamente, a substância como causa de si e que existe independente de qualquer outra coisa.

PALAVRAS-CHAVE: Aristóteles – Descartes – Espinosa – Substância - *Res cogitans* - *Res extensa* – Atributos – Modos – Deus - Causa de si – Fundamento – Princípio – Alma – Matéria – Forma - Panteísmo.

ABSTRACT

SOUSA CARVALHO, Wagner Francisco de. O Conceito de Substância em Aristóteles, Descartes e Espinosa. Trabalho de Conclusão de Curso – TCC. 73f. 2014. Licenciatura em Filosofia. ICESPI. Teresina

Conclusion This work aims to present the thought of Aristotle, Descartes and Spinoza about the substance. We show also that the concept is manifested in diverse historical contexts generating also different reflections. In Aristotle, substance is presented as that which is opposed to everything that is ornamental, artificial. It can be identified as being itself, endowed with unique identity and identified as the primary cause. In Descartes, the substance is presented as an essential dimension of man. He divides it into two: *res cogitans* and *res extensa*, and identifies them, thought and matter. Of Baruch Spinoza, the philosopher who touched third, teaches that the substance is God himself who in his limitlessness finite nature manifested in his infinity. The thought and matter, Descartes, are presented as two substances, Spinoza, attributes and modes manifest the greatness of a single substance. It is therefore awkward to notice the necessity of a first principle as base constituent of something. The first cause of all things back to a foundation for excellence, following the reflections that were made leading to God. In this, Aristotle called the Unmoved Mover, to be perfect and Descartes, Spinoza, of one substance. We conclude by recalling that the question the first principle of things is not among those that are articulated by the people of our time. In fact, the men of today are content with what is presented phenomenally, with what appears with what is shown. It comes in just this situation, an urgent desire to return the substance as the first principle. Modern times are proving that when it weakens the will to go beyond the demonstration of the reason things are fragile, it leaves equip. It is today the request made by philosophers to Pope John Paul II, seeking to pass reason for the foundation of the phenomenon (*Fides et Razio*, 83) and in the latter is precisely the substance as cause of itself and that exists independently of anything else.

KEYWORDS: Aristotle – Descartes – Espinosa – Substance - *Res cogitans* - *Res extensa* – Attributes – Modes – God - Because of you – Basis – Principle – Alma – Matter – Form - Pantheism.

SUMÁRIO

INTODUÇÃO	8
CAPITULO I: A SUBSTÂNCIA SEGUNDO ARISTÓTELES	12
1. 1. A importância do conceito de substância	12
1. 2. A definição de Substância segundo Aristóteles.....	15
1. 3. Um problema de “substância”	17
1. 4. A que coisas pode-se atribuir o conceito de substância	18
1. 5. “O ser divino”	20
1. 6. Matéria e forma	22
1. 6. 1. Matéria	23
1. 6. 2. Forma.....	24
CAPÍTULO II: O PENSAMENTO DE DESCARTES SOBRE A SUBSTÂNCIA	26
2.1. O <i>cogito</i> : Fundamento da filosofia cartesiana:	28
2. 2. O conceito de substância	31
2. 3. O dualismo Cartesiano	35
2.3. 1. A alma para Platão	35
2. 3. 2. A alma para Aristóteles	36
2. 3. 3. A alma para Descartes	38
2. 4. Herança cartesiana	40
CAPÍTULO III: ESPINOSA E A DOCTRINA DA SUBSTÂNCIA ÚNICA	43
3.1. A Substância e o seu conceito	45
3. 2. Deus, segundo Baruch Espinosa	49
3. 3.1. Atributos	52
3. 3. 2. Modos	53
3. 4. Panteísmo espinosano	54
CONCLUSÃO	58
ANEXO	62
REFERÊNCIAS	67

INTRODUÇÃO

A metafísica apresentava-se, primordialmente, no sentido puramente classificatório e caracterizava-se pela categorização dos seres. Posteriormente, um novo significado foi elaborado e os estudos que são objetos da filosofia primeira, tornaram-se patentes, a tal ponto, de constituir um saber que penetrasse no que está situado para além ou detrás do ente físico.

Segundo o próprio Aristóteles, há uma ciência que estuda o ser enquanto ser. Essa ciência investiga os primeiros princípios e as principais causas de tudo o que existe. Merece, por isso, ser chamada filosofia primeira. Diferente de qualquer filosofia segunda, isto é, aquilo enquanto é, tem certos princípios, e estes se aplicam a qualquer substância como substância e não a este ou aquele tipo de substância.

A ciência que Aristóteles chama de filosofia primeira, que se ocupa do ser como ser, das suas determinações e princípios é denominada metafísica. O entendimento deste ser superior ou supremo desemboca no estudo da substância simples e necessária a partir da qual, o homem pode fundamentar o seu conhecimento.

No entanto, se com Aristóteles a metafísica nasce e torna-se “adulta”, nos tempos atuais ela chega ao topo final. O homem, não a vê com bons olhos, pois a acha que é uma doutrina dogmática, que não acrescenta nada de novo, mas simplesmente repete aquilo que já foi dito.

A convicção deste pensamento fundamenta-se nas acusações feitas pelo próprio homem, afirmando que a metafísica é uma ciência que se prende ao mundo não verificável. Esta afirmação culmina no não se preocupar com aquilo que está além dos seus olhos. Com isso, a razão abandona seu caráter metafísico impossibilitando-o de imprimir um sentido real, tanto a sua própria existência como a um destino pessoal e social. Além do mais, a sua razão se instala em base pouco sólida, não podendo, contudo, dialogar com o ser divino.

Ora, se a metafísica trata-se de encontrar o centro unificante tanto do ser múltiplo quanto da filosofia como ciência do ser, logo a sua busca cessa no encontro da substância, pois esta “unifica a multiplicidade daquilo que se diz ente e, deste modo, unifica a ciência do ser. Por isto a metafísica é dita ciência da substância”¹.

Necessariamente, se a metafísica está no repouso do discurso moderno e, se ela é a ciência da substância, logicamente, a substância também descansa da ação reflexiva do homem. Daí, a mesma ser esquecida pelo homem moderno.

Com o objetivo de retornar a importância do conceito de substância, este trabalho, intencionalmente, parte da reflexão de três filósofos, a saber, Aristóteles, Descartes e Espinosa, que apresentaram o problema da substância.

Este trabalho está dividido em três capítulos que enfocam, ao modo do filósofo e de sua época, o conceito de substância. No primeiro capítulo, abordaremos o conceito de substância segundo Aristóteles. Nele, falaremos, inicialmente, sobre a importância do conceito de substância. Por consequência, trataremos dos problemas que Aristóteles enfrentou em definir como ela se apresenta, colocando em cheque a que coisas pode-se atribuir ao seu conceito. Em seguida, o ser divino aristotélico, passará a ser estudado. E por último, encerraremos a concepção de substância, segundo Aristóteles, levando em consideração o seu entendimento sobre matéria e forma como categorias de segundo grau diante da substância, tendo em vista que para o filósofo de Estagira, a substância é a categoria por excelência, a mais perfeita.

No segundo capítulo, encontra-se o pensamento de Descartes. Abordaremos, em primeiro plano, o fundamento da sua filosofia como meio eficaz para se chegar à substância como causa primeira, o *cogito*. Em seguida, indicaremos como a substância se concretiza em dupla realidade: *res cogitans* (espírito) e a *res extensa* (matéria). Duas substâncias independentes uma da outra, porém, presentes no homem. Neste dualismo percorreremos, antes de tudo, as concepções de alma tanto em Platão como em Aristóteles, tendo em vista que o pensamento destes influenciará a concepção de Descartes. Feito este percurso, perceberemos que a união proposta pelo filósofo francês, entre alma e corpo, não é totalmente resolvido e esta será a questão que os filósofos que o sucederam tentarão resolver.

Baruch de Espinosa, o terceiro filósofo que estudamos, procurará unificar, em uma substância única, as duas substâncias que foram apresentadas por

¹ MOLINARO, Aniceto; *Metafísica: curso sistemático*. 2.ed. São Paulo: Paulus, 2002. p. 31.

Descartes. Desta forma, o terceiro capítulo deste trabalho, evidenciará o conceito de substância entendido por Espinosa. Agora, não existem mais duas substâncias, mas apenas uma única e infinitamente perfeita. Assim, Espinosa, passa do dualismo existente no “cartesianismo” para um monismo extremamente natural: Deus e natureza não são dois modos diferentes e separados, mas unidos e inerentes entre si. Neste sentido, o filósofo define Deus como causa de si que se cria e cria os demais no mesmo ato. Em seguida, analisaremos os atributos desta única substância. Estes atributos, segundo Espinosa, são considerados como tudo aquilo que podemos conhecer. Deus se manifesta de diversas maneiras, porém as únicas propriedades pelas quais o homem pode conhecer a infinitude de Deus são o pensamento e a extensão. Os modos são, na sua concepção, a maneira de como a substância se apresenta. Eles podem existir de uma forma ou de outra, mas a coisa em si, que se apresenta aos nossos olhos, continua tendo a mesma singularidade.

Por último, em uma espécie de resumo, abordaremos as semelhanças e diferenças de pensamento sobre a substância nestes três pensadores: Aristóteles, Descartes e Espinosa. Podemos dizer que em todas as discussões, a substância aparece como algo que, a partir do qual, todas as coisas se estabelecem. Em outras palavras, é o ser primeiro, o fundamento, a causa primeira de todas as coisas.

Diante, pois, da apresentação deste estudo nos parece que, se confrontarmos este tema com a idéia atual que homem tem do mesmo, se faz urgentemente necessário a ele retornar-se. O conhecimento assim dotado desta possibilidade leva-o a se prender não só na revelação do algo, mas na própria coisa e em si. Por outro lado, o simples fato do próprio homem se conformar com a manifestação da coisa não dá sentido, nem mais, o anseio do próprio homem ir em busca da verdade primeira. Se ele, então, se acomoda a este simples apresentar-se das coisas, terminará, não poucas vezes, desenvolvendo uma razão fragilizada.

A pesquisa sobre o tema da substância nos ajudou, enfim, a perceber que é urgente um retorno ao fundamento primeiro, pois isto trará a percepção de que não podemos apenas nos fixar na manifestação dos entes, nos fenômenos, mas que é necessário buscar a causa primeira, a origem destes nos entes, em busca da causa última do ser, ou seja, aquilo que faz com que a coisa seja ela mesma e não outra. E é, portanto, nesta causa primeira que o nosso trabalho deseja alcançar, levando em consideração que “se a pergunta da metafísica se concentra em saber *o que é o ser*, então, a urgência

filosófica fundamental consiste em precisar a própria estrutura do ser em geral: a estrutura da substância e a estrutura da realização do ser concreto²”

Por fim, o homem não pode abranger tudo, ele é incapaz de ultrapassar os limites do cosmos, no máximo, ao que parece, poderá consegui-lo por meio da especulação. Se alcançarmos por meio dela o princípio último, que é a substância, conseguiremos alcançar o nosso objetivo.

² MERINO, José Antônio; FRESNEDA, Francisco Martínez. (Coords); Petrópolis, RJ: Vozes, 2006. p. 110.

CAPITULO I

A SUBSTÂNCIA SEGUNDO ARISTÓTELES

Neste primeiro capítulo mostraremos, inicialmente, a importância do conceito de substância revelando, assim, o pensamento de alguns filósofos que se detiveram sobre o tema ora abordado. Em seguida, partindo do pressuposto de que os mesmos filósofos, de maneira especial, na filosofia grega, identificaram um princípio primeiro, concluiremos a primeira parte desta pesquisa concentrando-nos no pensamento de Aristóteles mostrando como ele desenvolveu um discurso particular em torno do termo substância.

1. 1. A Importância do Conceito de Substância

Encontramos em todos os períodos que compõem a história da filosofia definições acerca do conceito de substância. A necessidade de encontrar e definir um princípio como causa primeira se tornou patente na constituição e qualificação de todo conhecimento humano. Neste sentido o conceito de substância ocupa um lugar central na reflexão filosófica, pois se torna um objeto de estudo de diversos saberes: como a cosmologia, a antropologia, a ontologia. No entanto, é necessário observarmos que cada saber apresenta interpretações diferentes desse termo, o que resulta, numa diversidade de concepções.

Esta diversidade de concepções é oriunda da dificuldade de caracterizar com precisão, ou pelo menos, chegar a um acordo sobre a idéia de substância, devido à complexidade que envolve tal termo:

Para exemplificar, destacamos o que Marco Zingano nos diz sobre esta diversidade:

Certos filósofos negam a existência da substância e pensam que uma concepção de universo, que dá lugar a uma realidade deste gênero, resulta de uma imaginação coisificada de nível infra-metafísico. Para outros, a idéia de substância parece não

ter sentido. Outros ainda admitem a substância em seu sistema, mas não concordam quando se trata de dizer com precisão o que ela é.¹

Para entender com precisão a sutileza deste termo, é preciso, antes de tudo, ter a consciência de que “quando se quer remontar até a origem da idéia de substância, encontra-se por consequência, uma particular dificuldade para compreender a realidade que se oculta sob este nome”.² Não é fácil compreendê-lo como objeto de estudo, mas difícil ainda é defini-lo com exatidão a sua essência.

Por isso, optamos, inicialmente, por estudar a sua etimologia, pois o conhecimento de sua origem ajudará adentrar na riqueza que este termo tem a nos oferecer. Neste sentido, a palavra *substância* é composta por duas palavras latinas: *sub* e *stans*. Entende-se pela primeira aquilo que está *em baixo de*, e pela segunda, aquilo que *se mantém* e significa literalmente “o que se mantém em baixo. No grego, ela também tem sua derivação: *u`pokei, menon*. É formado de uma preposição *u`po*, e a *outrakei, menon*. Ambas ganham à mesma tradução do latim: *em baixo e mantendo se*”³. Vale aduzir que o termo substância também foi usado com uma conotação gramatical, como mostra F. Mora em seu dicionário de Filosofia:

Prantl e outros autores indicam que Quintiliano foi o primeiro a usar o vocábulo *substantia*, mas Curt Arpe revela que, antes de Quintiliano, Sêneca usou *substantia*. Naquele, isto é em Quintiliano aparece *substantia* como versão de “corpo”, e de “coisa”. Todas essas significações, primeiramente gramaticais, adquiririam um aspecto mais filosófico quando se introduziu *substantia* para referir-se às categorias ou predicamentos aristotélicos.⁴

Os chamados filósofos pré-socráticos que viveram entre os séculos VII e V a.C, norteados pelo seu contexto existencial perceberam a necessidade de indagar sobre a causa primeira das coisas, porém, como a cosmologia, ou seja, a natureza “atraia” em sua época, os pensadores para nela desenvolverem seus raciocínios, os mesmos se dispuseram a buscar a unidade em meio à diversidade e por isso encontrar uma causa que organizasse todo o caos.

Nesta tarefa destacaram-se os pensadores Jônicos que se debruçaram sobre a questão da unidade do cosmo e do seu princípio primeiro. Tales, afirmava “que a água era o elemento

¹ ZINGANO, Marco. (Org.) *Sobre a metafísica de Aristóteles*. São Paulo: Odysseus, 2005. p. 73.

² Ibidem.

³ GILBERT, Paul. *Prolegômenos a metafísica*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 50

⁴ MORA, Ferrater J. *Dicionário de Filosofia: tomo IV (Q-Z)*: São Paulo: Loyola, 2001. p. 2778.

principal que sustentava todas as coisas”⁵. Anaximandro, o “apeíron”. Esta coisa indeterminada que determina todas as outras. Anaxímenes propõe como origem de tudo, o ar. “É dele que procedem todos os outros elementos e, por consequência, todas as coisas”⁶.

Observamos que existem divergências entre as várias concepções. Esta diferença consiste, sobretudo, nos dois primeiros quando afirmam que, para existir a água, se faz necessário um outro elemento ilimitado que o anteceda.

No entanto, a pergunta sobre a existência ou não de um princípio que seja primeiro e eterno ganha, também, entre outros pensadores antigos, notável espaço:

Para Pitágoras, “o princípio primeiro de todas as coisas é o número. Para Heráclito é o fogo, o qual existe pela consumação das outras coisas. Parmênides, o qual serve de base para argumentação metafísica de Aristóteles sobre o ser, coloca no núcleo de seu pensamento a distinção radical entre o ser e o não-ser e pela exclusiva realidade do ser. Em Empédocles, a tentativa de unir o monismo dos primeiros pensadores, isto é dos jônios e de Parmênides com as exigências pluralistas defendidas por Heráclito com a teoria do devir, além de afirmar a existência dos quatro elementos: terra, água, fogo e ar. Segundo Demócrito, o elemento primordial é constituído pelos átomos. E Anaxágoras, que confirma com Demócrito a existência de átomos, mas, que difere na qualidade deste, pois é causado pelas homeomerias, tudo está em tudo.”⁷

O conceito de substância, na verdade, recebeu inúmeras interpretações e conseqüentemente, novas compreensões. Neste sentido, os primeiros filósofos acabam de nos oferecer uma explicação racional da origem do mundo e com ela o nascimento da filosofia como uma cosmologia por buscar ou se preocupar justamente sobre a explicação da origem natural da *physis*.

É com Parmênides, por volta da metade do século V a.C, que surge a primeira indagação sobre a imutabilidade do ser. Desde então, ele tornou-se objeto de estudo para a filosofia. O ser não pode ser outra coisa senão o próprio ser. Não existe mutação e sim um princípio unificador a partir do qual a multiplicidade torna-se una. Com Parmênides, inaugura-se, então, um campo de reflexão onde a substância ganhará espaço na Metafísica, a qual Aristóteles definirá mais tarde como filosofia primeira e responsável por tratar do ser como objeto de sua indagação.

⁵ MONDIM, Batista. *Os filósofos do ocidente*. 12. ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1, p. 18.

⁶ Ibidem, p. 19.

⁷ Ibidem, p. 23 – 27.

Mas por que Aristóteles chamou filosofia primeira e não de metafísica, já que os temas presentes nos escritos eram constituídos de reflexões que versavam sobre realidades que estão além do mundo físico? Aniceto Molinaro nos oferece a resposta:

Sabe-se que o termo metafísica não foi usado por Aristóteles – mas por Andrônico de Rodes que ao morrer Aristóteles, encarregou-se de dividir as obras lógicas, físicas, morais e poéticas. Depois de organizar as obras sobre a física, viu-se diante de um grupo de livros sem nome; chamou-os ‘os livros que vem depois da física’. O nome, de origem casual, correspondia, de fato, ao conteúdo: esses livros tratam de perfeições que não se restringem ao mundo físico, mais vai além, isto é, são metafísicos – que, em vez usava preferentemente o termo filosofia primeira, no sentido que ela é filosofia originária que não pressupõe nada, mas que está na base de todo o saber filosófico. Ele usava outras expressões equivalentes, como: sabedoria, filosofia em sabor absoluto, ciência do ser enquanto ser, ciência da substância. Estas expressões indicam a mesma coisa que indica o termo metafísica ou o termo filosofia primeira⁸.

O itinerário que percorremos até aqui demonstra, necessariamente, a importância do conceito de substância e como ele tornou-se presente, por vezes incompreensível, nesse período da filosofia com os seus respectivos pensadores.

Porém, dentre estes pensadores, Aristóteles foi o mais preciso em suas colocações, isto se pode provar através da sua doutrina acerca da substância. Por isso, abordaremos a definição geral de substância identificando, inicialmente, a concepção que ela recebeu do filósofo de Estagira e, em seguida, identificaremos a que foi atribuído o seu valor e a que categorias foram a ela referidas.

1. 2. A Definição de Substância Segundo Aristóteles

O conceito de substância ocupa um lugar central na metafísica de Aristóteles⁹. Sua reflexão sobre este termo abriu novos caminhos “e apesar das críticas das quais foi objeto ao

⁸ Pressupostos retirados do livro **Metafísica: curso sistemático** de Aniceto Molinaro. Publicado pela Paulus em 2002. p. 30. E de Batista Mondim. **Os filósofos do ocidente**. 9. ed. Publicado pela Paulus em 2003. v. 1, p. 84. (coleção filosófica). E aqui são apresentados com algumas modificações por parte deste que apresenta o trabalho.

⁹ Aristóteles nasceu em 384 a.C. em Estagira, na Trácia, motivo pelo qual é chamado de o Estagirita. Escreveu uma invariedade de assuntos. Porém, destacou-se mais no campo da filosofia com seus escritos metafísicos, éticos, políticos e outros. Foi discípulo de Platão dos dezessete anos até a morte do mestre. Por consequência desta, deixou a academia e tornou-se preceptor de Alexandre Magno. É neste período que vai escrever boa parte de sua metafísica, que agora servirá para nós como referência teórica. Faleceu em 322 a.C. (B. Mondim, p. 81).

longo dos séculos, a caracterização aristotélica da substância ocupa ainda um lugar privilegiado na atualidade”¹⁰.

Nesta mesma perspectiva, a sua metafísica chegou ao auge, pois para o Estagirita ela é a ciência mais alta, mais ampla e mais universal e que a ela cabem três estudos: o *primeiro*, “é o que indaga sobre as causas e os princípios primeiros e supremos, o *segundo* é o estudo do ser enquanto ser e o *terceiro* indaga sobre a substância”¹¹.

Segundo Aristóteles substância “é aquilo em que se encontram a matéria-potência, forma-ato, onde estão os atributos essenciais e acidentais, sobre o que agem as quatro causas; em suma, é o Ser propriamente dito”¹².

Mas que ser é este? A resposta é e deve ser aquela que corresponde a todo ente em sua existência primeira, ou seja, um sujeito capaz de sofrer mudanças, porém sem perder a sua identidade originária. Ele, o sujeito, é colocado no cosmo por isso recebe as suas influências, mas não perde a sua essência, continua, contudo, a mesma substância.

Na verdade, Aristóteles retoma o problema parmenidiano que ele acha evidente e inegável: encontrar o centro que unifica todas as multiplicidades em um único elemento e que este tenha característica una. Portanto este centro só se pode designar como substância.

No entanto, há uma diferença no pensamento dos dois. Em Parmênides, existe uma preocupação de estabilizar o ser. Este tem por objetivo estabelecer ordem no mundo. É um ser com certa presença corporal. Em Aristóteles, ele não tem presença corporal, tanto é que chega a fazer uma distinção posterior entre substâncias primeiras e segundas.

Porém, tal divisão só é perceptível em nosso intelecto. Assim, como na gramática é possível separar o sujeito do predicado, na divisão da substância aristotélica é possível separar a substância primeira da segunda. Desta forma, aquela se refere ao ser individual, a um sujeito primeiro que está disponível para receber qualquer predicado. A segunda se configura pelo “conjunto de características gerais que os indivíduos de um gênero e de uma espécie possuem”¹³.

Para entendermos tal distinção, basta-nos considerar o próprio exemplo que Aristóteles nos dá: suponhamos um homem cujo nome é Pedro. Pedro como um ente individual é a substância primeira, porque ele existe em si e por si mesmo, não precisa de qualquer outra coisa para existir. Agora, o que faz a humanidade de Pedro, isto é, a

¹⁰ MARIANO, Artigas. *Filosofia da natureza*. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência “Raimundo Lúlio”, 2005. p. 71.

¹¹ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. *História da filosofia: Antiguidade e idade média*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2005. v. 1, p. 179. (coleção Filosofia). *Grifo nosso*.

¹² ARISTÓTELES, *Metafísica* VII.1, 1028 a 10 - b7

¹³ CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13 ed. São Paulo: Ática. 2006. p. 190

universalidade, aquilo que nele se pode caracterizar, destinar ao todo no Pedro é a substância segunda.

Vejamos, então, que esta diferença que Aristóteles concebe entre substância primeira e segunda vai dando origem a um novo problema. De fato, ele está afirmando a existência de duas substâncias. Será que para Aristóteles, o que realmente existe são apenas substâncias sensíveis, ou existe também substâncias supra-sensíveis? E se existe, qual é a sua natureza? Eis, portanto, o que tentaremos mostrar no tópico seguinte.

1. 3. Um Problema de “Substância”

O fruto da reflexão de Aristóteles sobre a centralidade da substância o levou a encarar de forma demasiada em sua metafísica, novos problemas, como por exemplo, se fora da realidade sensível podem ou não existir substâncias. Neste sentido, ele formula o seguinte problema:

Deve se dizer que só existem substâncias sensíveis, ou também outras além delas? E deve-se dizer que só existe um gênero ou que existem diversos gêneros dessas substâncias, como pretendem os que afirmam a existência de formas e de entes intermediários¹⁴.

Da mesma forma, só que no livro Z, ele também enfoca a questão no final do segundo capítulo:

É preciso examinar o que é certo e o que não é em todas estas afirmações (trata-se das afirmações dos naturalistas, que só admitiam substâncias sensíveis, e das afirmações opostas pelos platônicos, que admitiam, ao invés, também substâncias supra-sensíveis e de diferentes gêneros) e, se existem ou não algumas substâncias separada das sensíveis, por que existe e de que modo existe, ou se, além das sensíveis, não existe nenhuma substância¹⁵.

¹⁴ ARISTÓTELES. *Ensaio introdutório a Metafísica*. v. I. São Paulo: Loyola, 2001. São Paulo: Loyola, 2001 p. 93.

¹⁵ *Ibidem*, p. 94

Naturalmente, Aristóteles decide por necessidade metodológica e estrutural, analisar por primeiro se existe uma substância geral e a tendo, como já vimos, que é aquela que suporta todos os demais atributos, passa então, em seguida, a analisar a segunda que são as substâncias sensíveis.

É inquestionável e, sem oportunidades de provas contrárias, que tudo o que vemos têm em si uma substância, caso se não houvesse não seria possível o seu conhecimento e, por esta razão de existência, sua essência se apresenta a nosso intelecto que, apreendida pelos sentidos, culmina-se naquelas em que Aristóteles denomina de substâncias sensíveis.

Mas, Aristóteles para chegar a essa conclusão, primeiro, parte da proposição de que todos afirmam a existência de uma coisa sensível e, sendo desta maneira, não é extraordinário seguir a mesma direção. O fato, porém, é que para ele, há substâncias de existência real da qual ninguém duvida o que era diferente, sobretudo, para os platônicos que afirmavam ter uma substância no hiperurânio¹⁶ da qual todos os entes tornavam apenas cópia desta original.

Tal convicção levou o Estagirita a refletir sobre a que coisas podem-se atribuir esta substância sensível, ou seja, em que é manifestada a sua natureza, por isso, dedicaremos no tópico a seguir os elementos aos quais são destinados a referida atribuição.

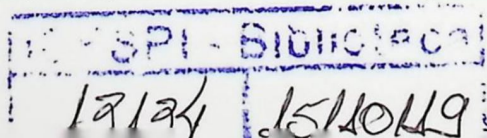
1. 4. A Que Coisas Pode-se Atribuir o Conceito de Substância

Uma das dificuldades de compreender a substância é saber a que coisas ela pode ser atribuída. Esse foi um dos motivos pelos quais se tornou difícil, no âmbito da indagação filosófica, definir um único conceito de substância, pois identificamos tanto nos mestres como em seus seguidores, apresentações diversificadas do termo. Assim temos:

Os naturalistas apontam os elementos materiais como o princípio substancial. Os platônicos indicavam a forma. Para os homens comuns, no entanto, a substância pareceria ser o indivíduo e a coisa concreta, feitas a um só tempo de forma e matéria. Quem tem razão? Segundo Aristóteles, ao mesmo tempo, todos e nenhum tem razão, no sentido de que, tomadas singularmente, essas respostas são parciais, ou seja, unilaterais, mas, em seu conjunto, nos dão à verdade¹⁷.

¹⁶ Com Platão houve-se esta interpretação de que todas as realidades perfeitas estavam neste mundo ideal, um lugar acima do céu denominado hiperurânio. Nele encontrava-se um conjunto de idéias, com características perfeitas, indubitáveis, verdadeiras e inteligíveis das quais todas as realidades aqui na terra tornavam simplesmente cópias daquelas originais. (G. Reale. v. I. p. 137). Adaptações por parte do autor deste trabalho.

¹⁷ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário, *História da filosofia: Antiguidade e idade média*, p. 184.



Essa junção que Aristóteles faz nos ajuda a entender qual é a natureza da substância. Tudo aquilo que se pode aplicar ao conceito da mesma e cuja existência o homem pode conhecer de imediato, se designa de substância.

Neste caso, o cão, o gato, o mamão são exemplos a que se pode atribuir à substância. Pois, eles tornam-se presentes, relativo ao conhecimento sensível do homem. Existe neles uma “substância” primeira que traz em si mesma nítidas manifestações à sensibilidade humana. Esta externalização da causa primeira, Aristóteles, afirma que se dá através dos acidentes, porém aquela tem certa prioridade sobre estes de tal forma que o mamão, isto é a substância, não muda enquanto sua cor, mas seu gosto pode-se modificar.

Com isto, significa dizer que podemos atribuir ao conceito de substância tudo aquilo que tem realidade e independência própria, que precede tanto o conhecimento, como o conceito, o tempo e até mesmo o ser. Eis como Aristóteles demonstra esta independência:

Quanto ao conceito, ela é primeira porque o conceito de substância está implicado no conceito das outras categorias (que são todos os acidentes). Quanto ao conhecimento: não julgamos conhecer uma coisa, mas quando conhecemos, por exemplo, o que seja o homem e o fogo do que quando conhecemos somente a qualidade ou a quantidade ou o lugar. Tanto é verdade que mesmo estas determinações nós as conhecemos somente enquanto apreendemos o sujeito que possui, quer dizer a substância. Quanto ao tempo, quanto no passado quanto agora é sempre o problema do ser, quer dizer, o problema da substância o que cerca do qual se procura e nos atormentamos. Enfim, a substância tem prioridade quanto ao ser porque o ser dos acidentes depende do ser da substância¹⁸.

Portanto, o estudo da concepção aristotélica sobre a substância como causa primeira dos acidentes abrange, nas palavras de Marilena Chauí, três aspectos:

*O primeiro é quanto ao ser divino; o segundo em relação aos primeiros princípios e causas primeiras de todos os seres ou essências existentes e, por último, o estudo das propriedades ou atributos gerais de todos os seres, sejam eles quais forem, graças aos quais podemos determinar a essência particular de um ser particular existente*¹⁹.

¹⁸ ARISTÓTELES, *Metafísica*, 1028 a 20 – 36 - b 2.

¹⁹ CHAUI, op. cit., p. 189. *Grifo nosso*

Seguindo tal distinção, passaremos agora a refletir de modo especial, sobre o primeiro e último aspecto. A presente escolha não quer dizer que o segundo, ou seja, os primeiros princípios, não sejam importantes, mas para nossa questão se torna quase desnecessário referirmo-nos a eles. Portanto, nos fixaremos num primeiro momento em discorrer sobre o ser divino aristotélico. Em seguida, consideraremos as propriedades gerais que se encontram no ser.

1. 5. O “Ser Divino”

O pensamento de Aristóteles sobre o mundo configura-se num tom metafísico e contrário aos pensadores anteriores. Para ele o mundo não tem origem nem fim, como afirmavam os pré-socráticos, mas ele é eterno. “Esta distinção entre o problema metafísico e o problema cosmológico é percebida e lucidamente formulada por Platão (427-347 a.C). Ele distingue dois tipos de realidade, um de ordem física (o mundo material) e outro de ordem metafísica: o plano das ideias”²⁰. Destes mundos falaremos mais adiante.

Esta divisão culmina no pensamento aristotélico quando prova a existência de uma causa primeira de todas as coisas. Para ele, a finalidade do Motor Imóvel consiste nesta missão.

Até aqui, nota-se que Aristóteles só se tinha referido do devir da substância com suas respectivas categorias. De agora em diante ele se vê na necessidade de dar uma explicação de sua origem. É neste objetivo que ele constrói o edifício da existência do ser divino. É, pois, da natureza extrínseca das coisas caminharem para o seu fim último. É natural a planta nascer, crescer e morrer. Neste percurso é claro que ela sofre mudanças e por isso vai se “caminhando” para a meta final, que segundo Aristóteles, é o Motor Imóvel.

Porém, este deus aristotélico, é bom lembrarmos, não se assemelha ao Deus cristão. Na verdade, aquele deus não se preocupa com as coisas, ele não fabrica e não as cria, ele apenas age por atração trazendo-as para si como um ato de conhecer: o homem não traz as coisas para dentro de sua cabeça ao conhecê-las, apenas absorve o que ela representa e traz para si como o fim último. Assim é o deus de Aristóteles.

A afirmação de que o mundo é eterno e que nele as coisas estão em constante mudança, parece ser contraditória. Porém, para Aristóteles, esta concepção não tem equívoco: “esse deus é Ato puro: ele nada possui de virtual ou em potência. Nele tudo é atualizado, toda

²⁰ MONDIM, Batista, *Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras*, p. 47.

perfeição é acabada”²¹. Aqui podemos compreender que as coisas que estão em processo de mutação encontram sua perfeição no Ato Imutável e, enquanto não se chegar a este fim último, elas não se encontram acabadas. Daí a presença irrefutável do Motor Imóvel, “pois uma atualidade deve sempre preceder a potencialidade, assim como o ser tem de preceder o vir a ser”²². Ele, isto é, o Motor Imóvel, é uma causa não causada ou um motor que move e não é movido.

Por outro lado, pode se comprovar que a reflexão aristotélica, embora concebesse uma altíssima transcendência de deus, considera ao mesmo tempo, o próprio ser divino apenas numa perspectiva cognoscitiva. Nesta última, remonta simplesmente a uma figura capaz de pensar e, através deste pensamento, operar toda a realidade existente.

Na verdade, o Estagirita não propõe discorrer em linhas descritivas qual é a corporeidade deste ser divino, até mesmo porque ele não a possui, mas postular em coordenadas sua presença que, para nós, se torna uma argumentação plausível para tal existência.

Será que o pensamento religioso de Aristóteles influenciou de algum modo a doutrina cristã? O que se pode então afirmar a esse respeito?

Estudiosos de todos os tempos (Padres da Igreja, escolásticos e autores contemporâneos) se pronunciaram sobre o valor do pensamento religioso de Aristóteles. A muitos ele pareceu frio, abstrato, racionalista e até fisicista enquanto estreitamente vinculado a certa concepção do mundo, e por isso não o consideraram em condições de satisfazer às exigências espirituais da alma humana²³.

Ainda com relação ao mundo, se faz mister observar no pensamento de Aristóteles que, além do movimento das coisas extrínsecas em direção para o seu fim último, há também nelas mesmas peculiaridades intrínsecas que, por sua vez, também são atraídas pelo Motor Imóvel. São estas que constituem aquelas e, por isso, são sujeitas às mudanças de tempo e espaço, pois são formadas de matéria e forma.

²¹ VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. *História dos filósofos*. 7ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1988. p. 47.

²² SPROUL, Robert Charles. *Filosofia para iniciantes*. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 51.

²³ MONDIM, op. cit., p. 97.

1. 6. Matéria e Forma

Como já havíamos assinalado anteriormente sobre os dois mundos platônicos, faz se necessário aqui, entendermos o que Platão pensou sobre o que é matéria e forma. Na verdade, a problemática do movimento na filosofia grega destacou-se de maneira muito intensa. Cada filósofo buscou reflexões em seus precedentes com o objetivo de encontrar respostas, ou pelo menos, um meio termo para a mesma questão. Neste sentido, Platão propôs sintetizar o vir a ser de Heráclito com o ser de Parmênides, porém o resultado culminou numa filosofia dualista a qual concebia a realidade em dois mundos: o mundo sensível e o mundo das idéias ou supra-sensível. Tal tentativa foi insuficiente para a questão, além disso, contribuiu para que Aristóteles, posteriormente, se distanciasse de seu pensamento, ou seja, da concepção platônica.

Para o Estagirita toda substância, isto é, aquilo que tem realidade em si mesmo, jamais se identifica sem a junção de matéria e forma. Para Aristóteles não pode, uma mesa se apresentar sem forma como também a forma de mesa sem a matéria.

Com estaidéia Aristóteles ultrapassa a concepção platônica da realidade e propõe a unidade que é característica própria de sua metafísica.

Mas entre Aristóteles e Platão, existe alguma diferença entre forma e idéia? A resposta deve ser dada em dois sentidos: se num primeiro momento consideramos que a forma quanto à idéia propõem o conhecimento da matéria, ou seja, para Platão o que temos contato é a copia da idéia perfeita e para Aristóteles a forma não pode ser separada da matéria, ambas tem a mesma finalidade, portanto iguais. No entanto, se formos por uma linha mais aristotélica, identificaremos que não existem forma nem idéia desassociada da matéria, por isso mesmo, são diferentes.

O que devemos ressaltar mais uma vez é que, para Aristóteles as formas estão intrinsecamente presentes na matéria. Esta participação se dá pela necessidade com a qual a mesma matéria se apresenta, tornando assim, dependente daquela forma. Com isso, fica claro que as formas também são reais, e elas existem nas próprias entidades individuais, por exemplo, “a forma humana existe realmente em todo ser humano. A forma de elefante existe em cada elefante”²⁴.

Considerando, pois, a maneira platônica de conceber a matéria e a forma podemos agora, além de entendermos o rompimento do pensamento aristotélico com o de Platão,

²⁴ SPROUL, op. cit., p. 48.

descrever de modo mais fundamentado a concepção aristotélica no âmbito da teoria hilemórfica.

1. 6. 1. Matéria

No livro Z de sua metafísica, Aristóteles faz uma análise minuciosa dos elementos que constituem a substância material. Segundo ele, a matéria “é aquilo que por si mesmo não é nem qualidade, nem quantidade, nem nenhuma outra das categorias. Ou o termo último ao qual se chega é algo que não tem qualidade, nem quantidade, nem em suma, nada de determinado”.²⁵

Mas como Aristóteles chega, então a este conceito? Antes, ele faz uma análise da transformação substancial. Nesta, ele percebe que existe algo que embora sofra as transformações por conta das mudanças, há sempre aquilo que permanece inalterado. Observa-se, por exemplo, a questão no tempo: pode existir uma coisa aqui e depois ela mesma estar em outro lugar, permanecendo, porém com a mesma identidade.

Esta característica intrínseca que a matéria possui configura-se na forma substancial, ou seja, ela, a forma substancial, apropria-se da matéria indeterminada e faz com que seja nesta união, uma matéria determinada.

Assim, o objetivo primordial da matéria consiste na capacidade de comportar em si mesma, uma individualidade que lhe é própria e constituída através de sua essência. Nesta perspectiva, Aristóteles propõe o princípio da individualidade que para ele apresenta-se com o fim de explicar como uma espécie, por exemplo, a espécie humana, pode comportar uma pluralidade de indivíduos, (João, Pedro) isto é, permitir seres ao mesmo tempo idênticos, uma vez que todos têm a mesma natureza e, distintos uma vez que um “João” não é outro João e por isso diferentes entre si.

A concepção aristotélica da matéria leva, na verdade, o próprio Aristóteles no exercício da identificação do vir-a-ser, a aplicar de forma mais ampla estas noções de matéria e forma nos princípios de potência e ato, entendendo ele por aquela uma realidade indeterminada e por ato, a atualização desta realidade.

²⁵ ARISTÓTELES, *Metafísica*, 1029 a, 20.

1. 6. 2. Forma

Se para chegar à definição de matéria, Aristóteles exige que antes se faça uma análise do fenômeno da transformação substancial levando em consideração as diversas mudanças pelas quais as coisas passam, “quanto à forma, adquire-se o seu conceito pela análise daquilo que diferencia uma coisa de outra”²⁶.

Esta capacidade de distinguir a matéria da forma, isto é, de conceber a madeira como a matéria potencial da mesa, e perceber nesta a atualização que é a forma dada à matéria, é determinar com outras palavras em que consiste a forma, esta coisa bem determinada, ou seja, a mesa.

Para confirmar com termos metafísicos o que Aristóteles denomina de forma, fazemos referência ao pensamento de Marilena Chaui quando em seus escritos, ela citando o próprio filósofo nos diz: “forma é o que individualiza e determina uma matéria, fazendo existir as coisas ou seres particulares; sua principal característica é ser aquilo que uma essência é”²⁷.

Assim sendo, fica claro que a matéria e a forma não existem, nem podem existir separadamente, mas sempre unidas uma a outra. Tal ligação se dá naquilo que Aristóteles chama de sínolo, que é a junção da matéria e da forma numa única coisa a qual o Estagirita acredita ser a substância primeira.

Em suma, pode-se afirmar que não conhecemos a matéria nem a forma em si mesmas, mas somente o sínolo. É ele que proporciona diretamente a faculdade cognitiva do homem, a capacidade de conhecê-lo. A matéria e a forma, por sua vez, não se corrompem, pois, para Aristóteles, o que se torna corruptível é aquilo que é gerado e, no caso da matéria e da forma não o são e sim, apenas o sínolo, formado pela união de ambas, tornando ele mesmo, a própria substância composta.

Desta forma, a doutrina hilemórfica constitui-se na concepção aristotélica esta junção que, em outras palavras, é a essência das coisas. Por quê? Por Aristóteles conceber a essência como a “unidade interna e indissolúvel entre uma matéria e uma forma”²⁸. A partir desta compreensão, constata-se que a substância é, necessariamente, a mesma coisa que a essência e o mesmo objetivo do sínolo, diferenciando-se, no entanto, na maneira de como Aristóteles define as mesmas quando se trata das categorias, pois elas fazem parte da substância.

²⁶ MONDIM, op. cit., p. 92.

²⁷ CHAU, op. cit., p. 190.

²⁸ Ibidem

Não obstante a sutileza com a qual o pensamento de Aristóteles se apresenta, a sua contribuição se torna ilimitada para a filosofia. Embora tenha Aristóteles criado uma doutrina da substância e não do ser, motivo pelo qual a nova ciência de Bacon e de Galileu tenha considerada como amarras para o avanço científico²⁹, por outro lado, ele tem sim, contribuído para os pensadores contemporâneos, pois não teve outro filósofo, posterior ao seu pensamento, que fosse capaz de filosofar sem se referir ao seu pensamento.

Assim, Aristóteles é determinado como o filósofo que, em meio às multiplicidades dos seres concebeu a unidade que, em meio às infinidades dos corpos, identificou um “corpo perfeito”, capaz pela abstração, de causar o movimento nas coisas sendo ele uma causa imóvel. Esta necessidade que se tem de identificar um princípio primeiro faz parte realmente, de quem busca para todas as coisas o seu fundamento. Assim podemos concluir que:

A indagação em torno dos elementos da matéria interessou a humanidade desde os seus albores, e nós a encontramos no centro das indagações dos primeiros filósofos gregos. Além do natural desejo de conhecimento e da natural curiosidade do homem, essa indagação era guiada pela necessidade de uma unidade na variedade quase infinita dos corpos, de uma ordem natural na multiplicidade aparentemente desordenada e confusa da nossa experiência direta.³⁰

No capítulo seguinte descreveremos o pensamento de René Descartes sobre o mesmo tema, ou seja, sobre a substância e, se torna quase incompreensível para o leitor se não compreender o conceito de substância em Aristóteles. Pois embora, Aristóteles tenha concebido o conceito numa perspectiva do ser sendo este presente na cosmologia, a sua doutrina provoca tanto em Descartes como em Espinosa reações diferentes, levando estes a identificar a substância como tema de problemas e contextos diferentes.

²⁹ Para o autor Roger Scruton, a concepção que Aristóteles tinha da substância impediu, por momento, o avanço sistemático e decisivo da nova ciência, pois para ele, a forma de Aristóteles contemplar a substância como qualidade não coincidiu com a nova maneira da ciência que a tomava como quantidade. (R. Scruton, 2001, p. 32).

³⁰ FILLIPO, Selvaggi. *Filosofia do mundo: cosmologia filosófica*; São Paulo: Loyola, 1998. (Coleção filosofia)

CAPÍTULO II

O PENSAMENTO CARTESIANO SOBRE A SUBSTÂNCIA

O pensamento de todo filósofo é construído a partir de um ponto inicial do qual todos os problemas emergem e para o qual tudo converge. Assim, ele começa sua reflexão tendo um objeto primeiro de indagação e a finda com o mesmo objeto de estudo com o qual começou.

Aristóteles, nosso filósofo estudado no capítulo anterior, coloca no centro de sua metafísica, como vimos, a problemática da substância. A sua reflexão sobre o tema, embora esteja enraizada no início da “árvore filosófica”, não impediu mesmo assim, que filósofos posteriores colhessem os frutos de sua contribuição.

Entre estes últimos, está Descartes¹, filósofo que agora passaremos a estudar. Nele o presente capítulo deseja contemplar, partindo do *cogito* como ponto inicial de seu filosofar, a sua concepção da noção de substância.

Podemos afirmar que foi com Descartes que um novo edifício do conhecimento começou a ser construído. As “verdades inculcadas” em nós pela filosofia escolástica deixam de ser certezas absolutas e passam a ser consideradas como verdadeiras somente aquelas que têm em si mesmas características claras e distintas².

Se com Aristóteles temos, a sistematização do saber, com Descartes encontramos a revolução do pensamento, pois, até então, o saber estava centrado no ser ou em Deus³, cujos

¹ Considerado como o pai do racionalismo, Descartes nasceu em 31 de março de 1596, em La Haye, na província da Turena – França. Filho de uma família financeiramente razoável, o que lhe proporcionou estudar em um dos colégios mais nobres da época, o La Flèche, dirigido pelos jesuítas. Insatisfeito com o método aplicado pelos responsáveis na educação e, descobrindo a vacuidade com a qual a física aristotélica se apresentaria, pois, seria a responsável pelo lento avanço da ciência, o próprio Descartes deixa a escola e ingressa como voluntário nas tropas Maximiliano de Boviara, que segundo ele, o objetivo era mais conhecer o mundo. Em 1650, tomado pela febre, expirou ao cabo de duas semanas. Na ocasião um discípulo escreveu desconsolado a Paris: “no dia 11 de Fevereiro perdemos Descartes. Entristeço-me ainda, ao escrever-vos, porque a sua doutrina e a sua mente superava até mesmo a candura e a simplicidade, a bondade e a inocência de sua vida. (B. Mondim. 2003. p. 64) e (Os pensadores, 1999, p. 196)

² Descartes em sua obra Discurso do Método, mais precisamente na primeira regra, afirma em nunca aceitar como verdadeira nenhuma coisa que eu não conhecesse evidentemente como tal, isto é, em evitar, com todo o cuidado, a precipitação e a prevenção, só incluindo nos meus juízos o que se apresentasse de modo tal claro e distinto ao meu espírito, que eu não tivesse ocasião alguma para ele duvidar. (Descartes, 2004, p. 31)

³ Centrado em Deus, porque o pensamento cartesiano é posterior a Idade Média e nela encontramos o “núcleo” do Teocentrismo com Santo Agostinho, São Tomás e outros. Por isso, que afirmarmos que com Descartes o

princípios forneciam ao homem o conhecimento da realidade. Com Descartes, o homem, através da dúvida, e guiado pela razão, passa a conhecer os princípios primeiros que o levam a ter idéias claras das coisas.

O contexto em que o considerado pai da modernidade viveu é caracterizado pelo alvorecer das ciências particulares e o surgimento da corrente positivista. Tanto estas ciências como aquela corrente, negam a grosso modo, a metafísica e valorizam a experiência para o progresso da ciência. Estes fatores externos, sobretudo a concepção metafísica daquela corrente, não influenciou de maneira decisiva o filósofo francês, no sentido de fazê-lo abandonar o valor metafísico, mas pelo contrário, como ele mesmo afirma: toda ciência deve fundar-se na metafísica, pois esta, por sua vez, já é um sistema de verdades evidentes.

Mas qual é a metafísica cartesiana e em que consiste a sua busca por um princípio primeiro? A resposta pode-nos ser dada através da simplicidade com a qual o próprio Descartes apresenta seu pensamento. Nele temos um filósofo sereno, mas ansioso, que descobre e transmite aquilo que encontrou, trazendo do pensamento para a existência o estilo fácil de filosofar. Esta busca do fundamento primeiro é descrita por Giovanni Reale:

Ele deve-se buscar na identidade entre matéria e espaço. E tal princípio leva imediatamente a uma série de consequências: *a primeira* é a de que o mundo tem extensão infinita; *a segunda*, é constituída por toda parte pela mesma matéria; *a terceira*, a matéria é infinitamente divisível; e *a quarta*, configura-se no vácuo, ou seja, o espaço que não contém nenhuma matéria, é conceito contraditório, sendo consequentemente impossível. A metafísica, portanto, nos diz de que é feito e como é feito o mundo⁴.

Deste modo, sua concepção de mundo é distorcida. Com efeito, o próprio Descartes estava persuadido, como escreve nos *Princípios da Filosofia*, de que todo o saber, isto é, “toda a filosofia é como uma árvore, cujas raízes são a metafísica, o tronco é a física e os ramos que procedem do tronco são todas as outras ciências”⁵. É, pois, a metafísica que “prescreve” ao cientista o que ele deve buscar, que problemas são ou não relevantes e a que diferentes leis ele pode chegar. Porém, este fim último, o homem só é capaz de alcançá-lo através de um

objeto de estudo não é mais Deus e nem sobre a sua luz, mas o homem como indivíduo capaz de pensar e formular seu próprio pensamento e, não como “pregava”, por exemplo, Santo Agostinho, que a verdade era inculcada em nós por Deus.

⁴ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. *História da filosofia: do humanismo a Kant*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2, p. 349. (coleção Filosofia). *Grifo nosso*.

⁵ GILBERT, Paul. *Prolegômenos a metafísica*. São Paulo: Loyola, 2004. p. 23.

método. Aqui, encontra-se o fundamento da filosofia cartesiana e o ponto de partida da noção de homem, destacando neste, a presença das duas substâncias: *a res cogitans* e *a res extensa*.

Como já dissemos anteriormente, este presente capítulo deseja contemplar, partindo do *cogito* como ponto inicial do filosofar à noção cartesiana de substância, só nos resta reafirmar que não vamos aqui, abordar todo a sua construção gnosiológica. Mas desejamos com estes pressupostos chegar ao conhecimento claro e evidente a cerca da mesma, ou seja, da substância.

2. 1. O cogito: Fundamento da Filosofia Cartesiana

O que é o cogito? Por que Descartes concebe a dúvida como o primeiro acesso a ele? E mais: o que é o método? Perguntas simples como estas constituem o primeiro princípio filosófico cartesiano. Portanto, não nos será permitido falar sobre o cogito sem antes descrevermos pelo menos a grosso modo, a importância de cada um deles.

A dúvida é, pois, o ponto de partida de Descartes para chegar ao cogito. Esta dúvida não é semelhante a dúvida cética e com o mesmo alcance que a dúvida metódica do cientista, mas através da qual se procede a investigação provisória para se obter o conhecimento pleno do real. Com precisão, afirma o próprio Descartes: “não que eu imitasse os cétricos, que duvidam por duvidar e ostentam serem sempre indecisos: ao contrário todo o meu plano visava a tornar-me seguro, removendo a terra e a areia para encontrar a rocha e a argila”⁶. Descartes parte, portanto, do pressuposto de “que deve começar tudo a partir de um ponto absolutamente zero”.⁷

Com este intuito, Descartes elabora uma nova concepção sobre a dúvida. Deseja que ela proporcione o conhecimento colocando-o em pauta, não mais advindo de Deus, como afirmavam os tradicionais, e sim do próprio homem deixando de lado os bons teólogos e fazendo com que eles mesmos possam ser capazes de se tornar bons pensadores:

Esta centralização na consciência está também determinada por uma metodologia que faz da necessidade virtude. A dificuldade de alcançar certezas e seguranças indubitáveis vai acompanhada de um programa que estabelece a dúvida como método. Se na tradição religiosa medieval a dúvida é vista fundamentalmente como uma tentação, e até como um pecado, agora transforma-se em uma virtude emancipadora para um eu que busca desligar-se das autoridades e alcançar a certeza exatamente mediante a dúvida. Descartes faz tábuas rasas com as seguranças

⁶DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Martin Clartet, 2004. p. 39.

⁷ ZILLES, Urbano. *Teoria do conhecimento*. 5. ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. p. 130.

medievais, começando pela eclesiástica, e com qualquer autoridade externa ao cogito. Começa a gênese do homem moderno que leva o ceticismo e a dúvida às últimas consequências e que somente se assegura desde o refúgio da própria consciência. À medida que o cogito é o referencial fundamental das certezas, o sujeito desvincula-se de uma ordem que lhe dá sentido, como ocorre no Medievo, e é ele mesmo o doador de sentido. A autocrítica da consciência, auto-referencialidade da consciência, substitui a adequação a uma realidade externa⁸.

Com outras palavras podemos afirmar que a dúvida cartesiana é como uma casa em reforma: esta casa que é o conhecimento deve ser reerguida através do esforço do próprio dono, só que como em toda reforma deve sempre tirar toda a madeira e reaproveitar aquelas que estão menos danificadas. O conhecimento também deve ser assim: não pode excluir por completo todo o esforço que os antepassados tiveram, mas colocá-lo em dúvida, e reaproveitar o essencial na nova construção. Antes, porém, é preciso que o construtor observe que naquele lugar a casa não venha a cair, isto é, perceber que a importância da dúvida no processo do conhecimento confirma a verdade absoluta e consolida a nova casa do conhecimento.

No entanto, para se chegar a esta casa é preciso percorrer dois caminhos: a dúvida, que agora terminamos de tratar e o outro caminho que é o sonho.

Ora se a dúvida advém dos sentidos que, por vezes, nos enganam de onde vem o sonho como nova via que nos leva a “casa” do conhecimento? Eis como Descartes em seu Discurso do Método põe a questão:

E já que todos os pensamentos e imaginações que nos acodem quando acordados são os mesmos que podem acudir-nos enquanto dormimos, sem que nenhum deles seja, ao mesmo tempo, verdadeiro, determinei estabelecer que tudo quanto jamais entrara em meu espírito não era mais verdadeiro que as ilusões dos meus sonhos⁹.

O primeiro caminho que tomamos, isto é, a dúvida, levou-nos a concluir que o conhecimento das coisas claras e distintas só é capaz colocando-as no palco da dúvida, porém tal via possibilita apenas o conhecimento delas, ou seja, daquilo que está fora do homem, diante de sua razão. No segundo caminho, o do sonho, ele, o homem, volta-se para si mesmo

⁸ ESTRADA DIAZ, Juan Antônio; *Deus nas tradições filosóficas: da morte de Deus à crise do sujeito*. v. II. São Paulo: Paulus, 2003. P. 83. (Filosofia).

⁹ DESCARTES, op.cit., p. 14.

e percebe a sua presença e a sua autenticidade de sonhador. Nas páginas do Discurso do Método podemos ler:

Todavia, esse mesmo sonhar leva Descartes à sua primeira realidade. Pois o sonhar requer um sonhador. “o fato de eu pensar revela-me a existência de algo que pensa.” Que é esse algo? Sou eu. *Cogito, ergo, sum*. Penso, logo existo. A minha própria dúvida demonstra a minha existência de duvidador. De outra maneira, nem a própria dúvida poderia existir¹⁰.

A dúvida e o sonho, constituem, pois aquilo que denominamos como ponto fundamental da filosofia cartesiana, razão por que destacamos no início de nossa reflexão a importância de cada um deles. Porém, voltando à questão anunciada no início deste capítulo - o que é o cogito - entendemos pelo mesmo aquilo “que exprime a auto-evidência do sujeito pensante, isto é, a certeza que o sujeito pensante tem da sua existência enquanto tal. Trata-se de uma tendência de pensamento que reaparece várias vezes na história, ainda que com fins diversos¹¹”.

Esses inúmeros ramos, ou seja, os diferentes destinos do termo nós encontramos primeiramente em Agostinho tendo neste a teorização do termo. Para o bispo de Hipona a sua finalidade consistia em mostrar aos céticos a passagem do ser ao plano do pensamento, que com outras palavras era mostrar a eles que existe um princípio primeiro fundante do ser e, que este ser é Deus. O ser mais íntimo que está presente em nosso ser interior.

Em Descartes o cogito é retomado, porém, utilizado de forma diferente. Em Agostinho o cogito pára em Deus seu fim último, no filósofo moderno, a sua presença remete necessariamente ao início das indagações e, por este destino, aceitar somente aquilo que é claro e distinto. Se no primeiro o cogito revela Deus, no segundo é o homem quem é revelado pelo cogito. Naquele filósofo, o homem através do cogito chega à tranquilidade, pois, encontrou a revelação reveladora do que é revelado. Em Descartes, o homem começa a sua inquietação uma vez que o cogito o impulsiona a debruçar-se sobre os inúmeros problemas que a razão coloca.

Com outras palavras podemos afirmar que:

¹⁰ Ibidem

¹¹ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 148.

Em Santo Agostinho, a verdade depende de uma contemplação das essências que existem como forma inteligível em Deus mesmo. O cogito de Santo Agostinho não é fundamento da certeza. Vem da contemplação das verdades em Deus mesmo. Dele nada se pode tirar do ponto de vista da certeza do conhecimento. O cogito em Santo Agostinho, é cópia de identidade de ser e pensar. Sei que enquanto penso existo, mas não sei se quando deixar de pensar continuo a existir. Em Descartes, o cogito é uma idéia inata, o modelo, o padrão de todas as verdades e o ponto de partida para toda verdadeira ciência¹².

No entanto, depois que Descartes toma posse da certeza de que os métodos utilizados em busca da verdade são eficazes, logo se confronta com aquela que é crucial em sua filosofia: ora se para duvidar, antes deve haver quem duvida. Se antes de sonhar é necessário que exista um sonhador, logo este indivíduo, no caso, o eu pensante, é capaz de dar a si mesmo a sua existência, assim o considerado pai do racionalismo, chega à verdade de suas verdades: *penso, logo existo*. Mas que fundamento, na filosofia cartesiana, possui o famoso cogito?

A princípio podemos afirmar que esta conclusão, não é uma demonstração, pois não somos capazes de materializar, por exemplo, o sonho e o pensamento, mas trata-se exclusivamente de uma intuição, aquilo que a psicologia moderna afirma ser um insight. Diante disso, é necessário observarmos que a existência provada pelo cogito, só pode ser a existência do pensamento, da realidade pensante e não da realidade distinta do pensamento.

Assim, Descartes afirma a existência da *res cogitans*, isto é, o pensamento como uma substância autêntica e independente de qualquer matéria, a *res extensa*. Porém, ambas encontram-se entrelaçadas num único indivíduo como o sonho e o sonhador cada uma com existência própria, mas dependente uma da outra.

Contudo, ao adentrarmos nesta divisão substancial, se faz necessário, antes de mais nada, compreendermos por primeiro o que Descartes entende por substância, já que a mesma ganha destaque em nosso trabalho.

2. 2. O Conceito de Substância

Iniciamos nossa indagação sobre o que é a substância, refletindo desde os primeiros pensadores o que eles afirmaram sobre a mesma. Em Aristóteles, encontramos a sutileza com a qual o termo é apresentado. Em Descartes a mesma problemática surge, porém, não como a necessidade de fundamentar o ser, mas como o princípio a partir do qual a filosofia pôde formular o seu discurso com um embasamento epistemológico.

¹² STRENGER, Irineu. *História da filosofia*. São Paulo: 1998. p. 145.

Neste sentido, cabe perguntar qual é a definição dada por Descartes a substância? Onde encontrá-la, ou melhor, como distingui-la já que ele apresenta entre outras, duas substâncias?

A resposta é-nos oferecida através dos colóquios que constituem uma das belas obras do francês: *Princípios da filosofia*. Nela ele afirma ser substância “uma coisa que existe de tal maneira que só tem necessidade de si própria para existir”¹³.

No esboço gnosiológico percebemos de imediato a semelhança entre Aristóteles e Descartes ao definirem o que é substância. Todavia, o considerado pai do Racionalismo Moderno ao colocar em pauta de discussão a sua aceção sobre ela trata-se basicamente da mesma coisa, isto é, tem um só sentido, porém, evidenciamos que do ponto de vista classificatório existe uma grande diferença.

Esta dessemelhança encontra-se na definição dada por Aristóteles quando tal conceito é remetido a uma substância de cunho autônomo, ou seja, aquilo que é por si, em si e que não depende de nenhuma outra coisa para ser. Em Descartes, temos a mesma intenção que é a independência da substância, porém, ela não se caracteriza pelo aspecto ontológico como presenciamos no Estagirita, mas por um âmbito existencial, isto pode ser constatado na própria definição: “uma coisa que existe”. Desta forma:

Ressalta-se ainda, que esta aceção da substância enunciada através do cogito é o primeiro grau da elaboração do conceito de substância como algo existente por si mesmo tal como aparece no conceito de Deus enquanto *causa sui*. Nesta perspectiva, o cogito é uma etapa metafísica e não apenas lógica do argumento ontológico concernente ao como se produz a substância infinita¹⁴.

Todavia, se a substância é aquilo que existe independentemente de qualquer outra coisa, o que então Descartes entende por esta “coisa”?

Não podemos negar que na reformulação da metafísica feita por ele, a presença do pensamento platônico e, conseqüentemente, agostiniano não estivessem presentes, pelo contrário, os caminhos feitos até então serviram para que o mesmo chegasse à casa atingindo, portanto, o patamar do conhecimento. Com esta abordagem Descartes conclui que a coisa de existência própria é o próprio pensamento e este não sendo inferior a nada, logo se considera

¹³ DESCARTES, René. *Princípios da filosofia*. São Paulo: Rideel, 2005. p. 43.

¹⁴ ROSENFELD, Denis L. *Descartes e as peripécias da razão*. São Paulo: Iluminuras, 1996. p. 124.

ser uma substância, a *res cogitans*. O homem é, por natureza, essencialmente pensamento. Assim ele afirma na quarta parte de seu Discurso:

Depois examinando atentamente o que eu era e verificando que podia supor que eu não tinha nenhum corpo e que não havia nenhum mundo ou lugar onde eu existisse, contudo, mesmo assim, eu não poderia supor que não existia, bastando o fato de duvidar da verdade das outras coisas para demonstrar, de modo bastante certo e evidente, que eu existia; ao passo que bastaria deixar de pensar, mesmo admitindo que tudo o que imaginasse fosse verdadeiro, para não haver nenhuma razão que me levasse a crer que eu tivesse existido. Por aí compreendi que eu era uma substância cuja essência ou natureza consiste exclusivamente no pensar e que, para ser, não precisa de nenhum lugar nem depende de nada material. De modo que eu, isto é, a alma pela qual eu sou o que sou é inteiramente distinta do corpo e até mais fácil de conhecer do que este e, mesmo que o corpo não existisse, ela não deixaria de ser tudo o que é ¹⁵.

Por outro lado, Descartes também afirma ter outra substância só que de caráter extensivo, material. Esta, por sua vez, caracteriza o mundo e a extensão porque manifesta claramente ao eu pensante a sua constituição.

A natureza da matéria ou do corpo tomada globalmente não consiste em que é coisa dura, pesada, colorida, ou que toca nossos sentidos de qualquer outro modo, mas somente no fato de que a substância extensa em comprimento, largura, e profundidade (...). A sua natureza consiste apenas em que é substância que tem extensão ¹⁶.

Em resumo, afirma-se que no homem estão presentes duas substâncias¹⁷: a *res cogitans* e a *res extensa*, sendo aquela sinônima de substância pensante ou coisa pensante e esta, substância corpórea ou coisa extensa. Agora, por ser justamente o pensamento e a

¹⁵ DESCARTES, op. cit., p. 42.

¹⁶ REALE; ANTISERI, op.cit., p. 374.

¹⁷ Os modernos, especialmente após Descartes, admitem que há apenas três substâncias: a extensão (que é a matéria dos corpos, regida pelo movimento e pelo repouso), o pensamento (que é a essência das idéias e constitui as almas) e o infinito (isto é, a substância divina). Essa alteração significa apenas o seguinte: uma substância se define pelo seu atributo principal que constitui sua essência (a extensão, isto é, a matéria como figura, grandeza, movimento e repouso; o pensamento, isto é, a idéia como inteligência e vontade; o infinito, isto é, Deus como causa infinita e incriada). Porém, neste trabalho, não aprofundaremos de maneira substancial sobre a terceira substância cartesiana, ou seja, a Infinita, a perfeita, isto por não haver tão grande necessidade em descrevermos seu pensamento sobre ela, mas no decorrer deste tópico elencaremos alguns princípios com os quais a substância perfeita tornou-se ao nosso ver, importante para a conclusão do pensamento cartesiano, pois para o filósofo Francês, Deus apenas deu o "ponta-pé" inicial e daí por diante todas as coisas "pegaram" seu rumo, mesmo Deus sendo para ele "a perfeição que conduz os nossos passos imperfeitos instintivamente para a luz". (Disc. Método p. 16)

matéria concebidas no ponto de vista cartesiano de existência própria que Descartes afirma então, serem substâncias. Na verdade substância, em Descartes, é uma noção abstrata. Dentre todos os atributos de um ser concreto, a substância é o atributo fundamental e apenas nisto se diferencia das coisas não fundamentais tendo, portanto, entre o atributo fundamental e a substância, nenhuma distinção material apenas de razão. Se a definição aristotélica de substância aponta para o sujeito, por conseguinte para o fundamento, isto é, uma substância que emerge em um sujeito que lhe é próprio. Este sujeito coincidindo com a própria substância, está não em outro, mas em si mesmo. Diversamente, a definição de Descartes insiste apenas na forma da substância, sem qualquer alusão à questão do sujeito de inêsão. Sendo, portanto, a substância algo que não precisa de outro para existir; para precisar as noções de corpo e espírito reduz Descartes a essência de uma coisa ao seu atributo fundamental. Assim, Descartes analisa e afastando tudo, pela dúvida, chega ao atributo que, se também for destruído, redundará na eliminação do todo. Deste modo chega a descobrir na alma, como atributo fundamental, *o pensamento*, que fica sendo a sua essência, e no corpo a *extensão* que fica sendo também a sua essência. Ainda que o pensamento seja extremamente essencial ao homem, por outro lado o corpo é uma máquina que o constitui sendo um meio pelo qual a alma penetra nele. Como se vê, este dualismo perpassa todo o pensamento de Descartes de modo que uma de suas heranças é a irresolução de tal problema. Mas como se dá a união dessas duas substâncias distintas uma da outra presentes no homem? Giovanni Reale citando o próprio Descartes responde:

É preciso saber que por mais que alma esteja conjugada com todo o corpo, entretanto há no corpo algumas partes em que ela exerce as suas funções de modo mais específico que em todas as outras. (...) À parte do corpo em que a alma exerce imediatamente as suas funções não é absolutamente, o coração e nem mesmo todo o cérebro, mas somente a parte interna dele, que é certa glândula muito pequena situada em meio à sua substância e suspensa sobre o conduto através do qual os espíritos das cavidades anteriores se comunicam com os espíritos das cavidades posteriores, de modo que os seus mais leves movimentos podem mudar muito o curso dos espíritos, ao passo que, inversamente, as mínimas mudanças no curso dos espíritos podem levar grandes mudanças nos movimentos dessa glândula¹⁸.

Nisto consiste a união das duas substâncias, ou seja, a alma e o corpo. Embora sendo desligadas uma à outra, as mesmas se interligam na pequena glândula pineal que, segundo Descartes, localiza-se no cérebro do homem.

¹⁸ REALE; ANTISERI, op. cit., p. 384.

2. 3. O Dualismo Cartesiano

A revolução do pensamento cartesiano trouxe em grande parte inúmeras novidades entre as quais podemos destacar o crescimento da crença na racionalidade, o subjetivismo, por outro lado, encontramos nas reflexões de Descartes um retorno às questões de que se ocuparam os filósofos da antiguidade.

Por este motivo, mostraremos no presente tópico, a dualidade entre alma e corpo seguindo a interpretação do nosso filósofo. Ao falarmos do dualismo, não podemos desconsiderar o pensamento platônico e aristotélico, afinal este é um dos problemas que Descartes retoma e sobre o qual embasa seu pensamento, ora discordando, ora seguindo a reflexão de Platão e Aristóteles.

2. 3. 1. A Alma Para Platão

Na antiguidade a alma caracterizava-se pelo aspecto vital que os gregos lhe atribuíam, a sua missão consistia em fugir sempre do corpo, pois este a prendia fazendo com que ela se tornasse menos verdadeira e menos voltada para si mesma.

Nessas condições, tornar-se-ia necessário, desde logo, indagar qual a verdade acerca da natureza da alma, questionar se sua natureza seria humana ou divina. Por esta via, Platão, inicialmente, determina a caracterização da alma como um princípio vital que sendo imóvel coloca em movimento o que é movido, isto é, o corpo. Em sua obra o Fedro ele afirma:

Partiremos do seguinte princípio: toda alma é imortal, pois aquilo que move a si mesmo é imortal. O que move uma coisa, mas é por outra movido, anula-se uma vez terminado o movimento. Somente o que a si mesmo se move, nunca saindo de si, jamais cessará de mover-se, e é, para as demais coisas movidas, fonte e início de movimento¹⁹.

Ainda em discussão para saber qual é a natureza da alma, se ela é de modo natural ou divina, Platão em diálogo com Cebes, argumenta:

¹⁹PLATÃO. *Fedro*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 81.

Por conseguinte, vê, Cebes, disse Platão, se tudo que foi dito conduz a estes resultados: o que é divino, imortal, inteligível, aquilo cuja forma é una, aquilo que é indissolúvel e que permanece sempre invariavelmente idêntico a si mesmo é com que a alma mais se parece, ou seja, ela se parece com o divino²⁰.

Por outro lado o que não podemos esquecer em Platão é a influência socrática com relação ao entrelaçamento da alma com o corpo, visto que, o seu Mestre trazia freqüentemente a discussão sobre o que é ser útil e nocivo à alma.

Em contrapartida tanto a alma como o corpo, para Platão, estão presentes no homem, apenas enquanto dura a vida presente, tal aceção não exclui a imortalidade da alma, pois esta tem por natureza se lançar em “direção daquilo que é puro, daquilo que existe sempre, que não morre, que não varia”²¹. Assim, a alma não é só princípio da vida, mas também do corpo, o que determina a existência no homem de duas coisas diferentes, sendo que uma não pode viver sem a outra.

Seguindo a mesma linha de reflexão encontramos a alma dividida em três partes que se localizam em áreas diferentes do corpo. “Assim, temos a razão, que tem sua sede na cabeça e representa a parte mais corajosa e mais nobre da alma; a irascível que, no peito, aponta para o aspecto da vontade; e a parte concupiscível, que é localizada no ventre”²².

Assim, constatamos a nítida distinção entre a alma e o corpo. Este não se divide, mas é o receptor, o que acolhe a alma ao cair do hiperurânio e a leva consigo ganhando novo ânimo. A alma, porém, é presa ao corpo, limitada, enquanto está embrenhada do seu poder, uma vez liberta, ela atinge o ponto alto de sua pertença e por isso mesmo retorna ao seu lugar de origem dando à matéria o espírito de vida sendo por sua natureza preexistente ao corpo.

Desta forma, Platão embasa em linhas descritivas o que significa a imortalidade da alma em seu discurso, aliás, essas determinações tornam-se úteis a todas as considerações filosóficas posteriores sobre a alma, inclusive, a de Aristóteles.

2.3.2. A alma Para Aristóteles

Segundo Aristóteles existem seres animados e seres inanimados. O que os diferencia é que os primeiros, ou seja, os seres animados, no caso, o homem, possuem alma e por isso se tornam seres vivos com vida. Entretanto, afirmar que existem seres vivos com vida não seria

²⁰ PLATÃO. *Fédon*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 51.

²¹ *Ibidem*, p.50

²² MARQUES, Jordino; *Descartes e sua concepção de homem*. São Paulo: Loyola, 1993. p. 84.

uma redundância do termo? Para o Estagirita, não. Eles, os corpos, são vivos, mas só adquirem vida quando a alma penetra no corpo dando a ele vida. Enquanto isto, o corpo é visto como uma matéria indefinida, uma tábua que não ganhou forma de porta.

Neste sentido, o que é a alma para Aristóteles?

É a substância do corpo. É definida como o ato final mais importante de um corpo que tem a vida em potência. A alma está para o corpo assim como a visão está para o órgão da visão: é a realização da capacidade própria de um corpo orgânico. Assim, como todo instrumento tem sua função, que é o ato ou a atividade do instrumento (como por exemplo, a função do machado é cortar), também o organismo, enquanto instrumento, tem a função de viver e de pensar, e o ato dessa função é alma²³.

Semelhante ao seu mestre Platão, Aristóteles concebe no homem a existência da dualidade, mas de uma maneira nova. O corpo não é uma realidade à parte, mas, como vimos na própria definição, “uma capacidade em potência receptiva da atualidade da alma”²⁴. Se em Platão, a alma é prisioneira do corpo e que vive em constante luta de libertação o que vai acontecer na morte do corpo, em Aristóteles, a alma é parte constituinte do corpo, porém sendo sua forma e seu ato. Em princípio, ela é apenas vida em potência, mas uma vez juntando-se ao corpo, torna aquilo que Aristóteles chama de “parte da substância que é o corpo vivo”²⁵.

No que se refere à divisão da alma, Aristóteles, afirma ter uma operação em tríplice grau, isso se dá pela constante complexidade com que a alma vai-se apresentando ao próprio homem. Portanto, a presente distinção é assim demonstrada por Giovanni Reale que citando o próprio Aristóteles, declara:

Como os fenômenos da vida pressupõem determinadas operações constantes claramente diferenciadas (...), então também a alma, que é princípio de vida, deve ter capacidades, funções ou partes que presidem essas operações e as regulam. Ora, os fenômenos e funções fundamentais da vida são: de caráter vegetativo, como nascimento, nutrição e crescimento; de caráter sensitivo-motor, como sensação e movimento; e de caráter intelectual, como conhecimento, deliberação e escolha²⁶.

²³ ABBAGNANO, op. cit., p. 28.

²⁴ MARQUES, op. cit., p. 85.

²⁵ Ibidem.

²⁶ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. *História da filosofia: antiguidade a idade média* 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1, p. 198. (coleção Filosofia).

O homem por ter peculiaridades distintas de qualquer outro animal, um ser de alma racional, torna-se, todavia, possuidor destas razões que de tal modo perpassam pelas dos outros visto que nem plantas nem animais podem pensar. Deste modo, a sua alma exerce três funções simultaneamente como mostra B. Mondim:

A função vegetativa tem como finalidade a nutrição e a conservação do corpo e da espécie. A função sensitiva é exercida de dois modos: pelo conhecimento (cinco sentidos externos e três internos: sentido comum, memória e fantasia) e pelo apetite (irascível e concupiscível). A função intelectual é exercida de três modos: pela abstração, pelo juízo e pela argumentação²⁷.

Como se dá, então, a união entre corpo e alma, visto ter afirmado que ambas são autônomas, mas uma não se caracteriza independentemente da outra? Segundo Aristóteles, a junção se dá de forma substancial. Tal ponto de vista é, em Descartes, retomado confirmando a sua importância, porém, rejeitando alguns traços típicos, como, por exemplo, a concepção aristotélica de que a parte irracional, o homem a tem em comum com os animais, e a sensitiva bem como a vegetativa, ele as tem em comum com os animais e as plantas.

2. 3. 3. A Alma Para Descartes

A contribuição que Descartes recebeu das concepções assinaladas anteriormente não pode em hipótese alguma isentá-las de seu pensamento, daí termos a necessidade de refletir mesmo a grosso modo a precedência de sua compreensão sobre esta substância que é a alma. Seguindo esta linha de indagação, coroaremos a questão falando da dualidade propriamente dita. Desta forma, podemos agora nos perguntar, o que é a alma para Descartes? Ela é uma substância? Tem existência própria ou precisa de outra coisa para existir?

Para Descartes, a alma é o próprio pensamento, mas o que ele então, entende, por pensamento?

Pela palavra pensamento entendo tudo quanto ocorre em nós de tal maneira que o notamos imediatamente por nós próprios; é por isso, que compreender querer, imaginar, mas também sentir são a mesma coisa que pensar. Porque se afirmo que vejo ou que caminho, e daí deduzo que existo; se ouço falar da ação que se pratica

²⁷ MONDIM, Battista. *Curso de filosofia*. 12. ed. São Paulo: Paulus, 1981. v. 1. p. 100. (Coleção Filosofia).

com os meus olhos ou com as minhas pernas, esta conclusão não é de tal modo infalível que eu não tenha razão para duvidar dela, porque eu posso pensar, ver ou caminhar quando durmo, embora não saia do mesmo lugar. Isto me acontece algumas vezes quando durmo e poderia talvez me suceder se não tivesse corpo: ao passo que se ouço falar somente da ação do meu pensamento, ou do sentimento, ou seja, do conhecimento, que existe em mim e que me leva a supor que vejo ou caminho, essa mesma conclusão é tão absolutamente verdadeira que não posso duvidar dela, visto que se refere à alma, que é a única a ter a faculdade de sentir ou de pensar de qualquer modo que seja²⁸.

Como vimos o pensamento está ligado à alma. Ora, se o pensamento configura-se no pensar e esta ação é des governada pelo pensador, pois, muitas vezes, como diz Descartes, pensamos que estamos andando e na verdade não estamos, logo, ele, ou seja, o pensamento, tem existência própria e, se a tem, é uma substância.

Compreendida, portanto, a questão da alma, podemos afirmar que no homem existem duas substâncias, *res cogitans* e a *res extensa*. Estas substâncias são intrínsecas ao próprio homem, porém independentemente uma da outra, daí a razão pela qual os teóricos cunham o termo dualismo cartesiano e que por nós agora, passará a ser estudado mais detalhadamente.

Em primeiro lugar entendemos por dualismo a concepção cartesiana do homem dividido em corpo e espírito. O universo consiste de duas diferentes substâncias: a mente, ou substância pensante, e a matéria que também ele chama de substância corpórea. Só no homem as duas substâncias se juntam em uma união substancial, unidas, porém delimitadas. Ainda que o pensamento seja extremamente essencial a ele, por outro lado o corpo é uma máquina que o constitui sendo um meio pelo qual a alma adentra-se nele. Como se vê, este dualismo perpassa todo o pensamento de Descartes de modo que uma de suas heranças é a irresolução de tal problema. Mas como se dá a união dessas duas substâncias separadas e distintas uma da outra presente no homem? Giovanni Reale citando Descartes responde:

É preciso saber que por mais que alma esteja conjugada com todo o corpo, entretanto há no corpo algumas partes em que ela exerce as suas funções de modo mais específico que em todas as outras. (...) À parte do corpo em que a alma exerce imediatamente as suas funções não é absolutamente, o coração e nem mesmo todo o cérebro, mas somente a parte interna dele, que é certa glândula muito pequena situada em meio à sua substância e suspensa sobre o conduto através do qual os espíritos das cavidades anteriores se comunicam com os espíritos das cavidades posteriores, de modo que os seus mais leves movimentos podem mudar muito o curso dos espíritos, ao passo que, inversamente, as mínimas mudanças no curso dos espíritos podem levar grandes mudanças nos movimentos desta glândula²⁹.

²⁸ DESCARTES, op. cit., p. 26.

²⁹ REALE; ANTISERI, op. cit., p. 387.

Uma vez unidas na glândula pineal, às substâncias, *res cogitans* e *res extensa* possuem determinações exatas, porém, a primeira possui certa influência sobre a outra. Por quê? Simplesmente pelo fato de que o homem pode pensar sem necessariamente ter o corpo, pois ele é conhecido pelo pensamento. “Além do mais ela, *a alma*, se irradia para todo o restante do corpo por intermédio dos espíritos, dos nervos e mesmo do sangue, que participando das impressões dos espíritos, pode transportá-los pelas artérias para todos os membros³⁰”.

Por outro lado, a definição de substância dada por Descartes como uma “coisa que existe de tal modo que não necessita de nenhuma outra coisa para existir”³¹, somente deve ser aplicada a Deus, pois segundo ele o que surge logo após são também substâncias, porém imperfeitas, porque Deus é a única substância perfeita, completa, e por isso tem existência em si o que faz desempenhar um papel importante, cabendo somente a si produzir idéias claras e distintas o que consequentemente faz, desenvolver a “consciência” de que, tanto o pensamento como a matéria, são limitadas, portanto, imperfeitas.

Em suma, o pensamento cartesiano acerca da substância, não pode ser resumido apenas a sua questão em si, mas estende-se a vários atributos com os quais a sua complexidade se apresenta. O homem cuja essência é pensamento deve na sua homogeneidade ratificar o seu ser substancial enquanto, ao mesmo tempo, se dá conta de que é um indivíduo no qual está presente duas substâncias, a *res cogitans* e a *res extensa* e que ambas, embora sejam independentes, estão entrelaçadas entre si, formando no que diz Descartes, a forma substancial do corpo.

3. 4. Herança Cartesiana

A herança deixada por René Descartes constitui inegavelmente o berço do pensamento contemporâneo. A sua célebre intuição: *cogito ergo sum*³², penso, logo existo, fundamenta-se no que hoje denominamos subjetividade. Em consequência disso, este individualismo de pensamento levou a uma crença excessiva da razão, o que fez as verdades, anteriormente demonstradas, transformarem em idéias claras e distintas, proporcionando ao próprio homem, os métodos necessários para se chegar ao fundamento último de todas as coisas.

³⁰ DESCARTES, René. *As paixões da alma*. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. p. 51. (Clássicos). *Grifo nosso*.

³¹ MONDIM, op. cit., p. 75.

³² DESCARTES, op. cit., p. 41.

A figura de Descartes é proeminente em seu tempo, basta voltarmos a ele e logo percebemos a sua contribuição: “a ciência estava às turras com a religião. A Igreja estava rachada entre os vários que afirmavam ter autoridade, além disso, a filosofia em estado de confusão”³³. Descartes então aparece como o salvador do pensamento, que buscando soluções na matemática reconstrói o edifício do conhecimento e consequentemente o eleva as alturas do pensamento moderno.

No entanto, a sua contribuição também culminou, ou melhor, deu origem a novos problemas do conhecimento entre eles podemos destacar a irresolução das relações entre alma e corpo. Embora, já tenhamos tratado no tópico anterior sobre tal questão, não consideremos, todavia, esta limitação cartesiana.

O entrave, pois, que Descartes não consegue resolver é o seguinte: a aceção da realidade dividida em duas substâncias, *res cogitans* e *res extensa*. Ambas não têm nada em comum, são extremamente independentes uma a outra, mas uma vez juntas no homem, elas se influenciam mutuamente e por último, o filósofo francês, afirma que as mesmas são limitadas e imperfeitas.

Estamos, portanto, diante de três problemas: o primeiro, é que as substâncias são autônomas; o segundo, em oposição ao primeiro, afirma a interação entre elas e, por último, as suas fragilidades.

Ora, se considerarmos o próprio conceito com o qual Descartes define o que é a substância, logo fugirá de nossas faculdades racionais a dúvida de que, tanto o espírito como a matéria não são substâncias e por esta razão, são necessariamente aceitos como “coisas” de existências próprias. Porém, o limite do pensamento cartesiano é aquele em identificar, uma vez elas independentes, como se dá o relacionamento mútuo e ao mesmo tempo em que elas são separadas. Eis o ponto alto da questão: Descartes não deixa claro como se dá esta interação entre alma e corporeidade, incorporeidade e o corpo. Tal problema servirá como base para os pensadores que o sucederam desenvolverem sua doutrina, entre eles, Espinosa, filósofo estudado no próximo capítulo.

Ainda com relação à herança cartesiana, pode se aduzir a estas fragilidades, aquela que afirma que *res cogitans* e *res extensa* são substâncias incompletas. Aqui nos parece que o autor contradiz-se ao primeiro problema. Como a substância tem existência própria e por esse motivo completa, agora, Descartes ousa afirmar que elas são incompletas?

A resposta é-nos dada na sexta meditação:

³³ SPROUL, Robert Charles. *Filosofia para iniciantes*. São Paulo: Vida Nova, 2002. p. 83.

Em primeiro lugar, como sei que todas as coisas que entendo clara e distintamente podem ser feitas por Deus, tal como as entendo, basta que possa entender clara e distintamente uma coisa sem outra, podendo ser postas, ao menos por Deus, separadamente ³⁴.

Com estas palavras Descartes explicita que há realmente uma substância perfeita, Deus. Ele é, portanto, o pensador das ideias claras, mas mesmo assim, a alma e o corpo são inferiores a ela, motivo pelo qual serem consideradas imperfeitas.

Não obstante estas indagações, Descartes foi um filósofo que contribuiu não só para a edificação do conhecimento, mas também mostrou que para se chegar a ele, nunca deve perder-se de vista o princípio primeiro de todas as coisas, nem tão pouco a perseverança de encontrar a verdade, assim ele escreve:

Aquele que pretende duvidar de tudo não pode, no entanto, duvidar que existe enquanto duvida, e que aquele que assim raciocina, não podendo duvidar de si próprio e duvidando de tudo o resto, não é aquilo a que chamamos corpo, mas sim aquilo a que chamamos alma ou pensamento. Assim, considere o ser, ou a existência de tal pensamento, como o primeiro princípio, do qual deduzi muito claramente os seguintes: que Deus existe e é o autor de tudo o que existe no mundo e que, sendo a fonte da verdade, não criou o nosso entendimento de tal maneira que esse se possa enganar no juízo que faz das coisas e das quais tem uma percepção muito clara e muito distinta. São estes os princípios de que me sirvo no que respeita às coisas imateriais ou metafísicas, dos quais deduzo, muito claramente, o princípio das coisas corporais ou físicas: que há corpos extensos em comprimento, largura e altura, que têm diversas formas e se movem de diversas maneiras. Eis, em poucas palavras, os princípios donde deduzo a verdade das outras coisas ³⁵.

³⁴ DESCARTES, op. cit., p. 80-81.

³⁵ DESCARTES, op. cit., p. 26.

CAPÍTULO III

ESPINOSA E A DOCTRINA DA SUBSTÂNCIA ÚNICA

O nosso desafio mostra, numa impostação metafísica, a complexidade do termo substância. Embora seja um tema de relevância em quase todos os filósofos, sua compreensão assume distintas concepções, motivo pelos quais, ora ser tomado no aspecto cosmológico, ora no ontológico, ora no antropológico, e ora no teológico.

A multiplicidade de significados nos leva a crê que sem o fundamento todo filósofo perde o seu rumo, a sua direção, pois como vimos à substância é justamente aquilo sem o qual o homem não pode conhecer, pensar e conceber a natureza. Por isso, o ponto alto desta questão, configura-se na exatidão da substância como o fundamento fundante de todas as coisas, o princípio primeiro, aquilo que rege a partir de sua própria singularidade.

Portanto, não apenas conhecemos o objeto sensível, mas também ultrapassamos seus limites e adentramos na sua realidade, daí a necessidade da metafísica evidenciar a fundamentação do ser em si mesmo. Por isso, a pergunta por que existe o ser e não o nada constitui, sem sombra de dúvida, o desejo do homem em chegar à plenitude do conhecimento e alcançar, pela mediação da razão, a verdade.

Neste sentido, o projeto da metafísica corresponde, de qualquer modo, a uma exigência constante do espírito humano. Trata-se de fundar nossas experiências unificando-as, ou numa forma única ou sob um ente primeiro. A este, denominamos tudo aquilo que se opõe ao que é ornamental e superficial, com outras palavras, afirmamos que a substância desemboca no ser imutável que se concentra na base do que é fundante.

Elabora-se, pois, o seguinte problema: por que um princípio primeiro? Como permanece um princípio imutável em um sujeito mutável? As respostas colocadas, coincidem na hipótese de que se faz necessário à presença de um princípio primeiro imutável, pois, é nele, que as categorias e acidentes ganham forma e tornam-se, portanto, visíveis em um sujeito mutável, capaz de sofrer influências, porém sem perder a sua identidade.

Nesta perspectiva, Aristóteles ultrapassa as linhas deste sujeito mutável colocando em palco a série da substância. Para ele há várias categorias, porém a mais perfeita de todas é a

substância, porque esta coincide com o ser, que por sua vez desperta a pergunta sobre o que ele é. Pelo fato do ser está intrinsecamente ligado a substância, surge, então, uma nova interrogação: o que é a substância?

Este capítulo descreve a concepção de Baruch Espinosa¹ sobre a substância. Para tanto, colocamos em pauta, num primeiro momento, o que Espinosa entende por substância, o que nos leva consequentemente, a identificar a união entre a substância e Deus. Em seguida, traremos em nota os dois principais atributos, que segundo ele se manifestam na única substância. No último tópico como anexo, mostraremos em uma espécie de resumo as semelhanças e diferenças no que concerne ao discurso sobre a substância em Aristóteles, Descartes e Espinosa.

Entretanto, para compreender o pensamento de Espinosa, antes de qualquer coisa, temos que levar em consideração a herança cartesiana. Embora Descartes tenha promovido uma revolução no conhecimento a sua compreensão de substância, dividida em *res cogitans* e *res extensa*, permanece, todavia, inconciliáveis e irredutíveis entre si. Desta irresolução, surge nos filósofos que o sucederam, a preocupação de resolver tal problema.

Neste sentido, destacamos o que diz R. Rossi acerca da questão: “Por esta razão, depois de Descartes, uma das preocupações mais urgentes é solucionar o dualismo, lançar uma ponte entre pensamento e realidade algum elo aceitável, que a filosofia de Descartes não conseguira oferecer”².

Tal ponte é, pois, construída por Espinosa que logo é inaugurada com a apresentação de seu monismo. Assim ele cria um “veículo” no qual os extremos encontram-se unidos em

¹ Baruch (Benedito) Spinoza nasceu em Amsterdã, aos 24 de novembro de 1632, de uma família hebréia que se vira forçada a abandonar a Espanha por causa da intolerância religiosa daquele país. Foi educado na comunidade israelita de Amsterdã. Seu pai, querendo que ele se tornasse rabino, mandou-o para a escola da sinagoga. Além das Sagradas Escrituras, Baruch estudou também filosofia (Giordano Bruno, Bacon e, principalmente, Descartes) e a teologia protestante. Convenceu-se lentamente de que a interpretação tradicional da Sagrada Escritura estava errada. Em 1656 foi excomungado pela comunidade israelita e expulso por causa de “heresias praticadas e ensinadas”; deixou, então, Amsterdã e retirou-se para Leida, onde, para ganhar a vida, trabalhou como polidor de lentes ópticas. O tempo livre de que podia dispor passava-o estudando filosofia. Neste período, Spinoza, de saúde fraca, mas cioso de sua independência espiritual, levou vida modesta, tranquila e reservada, quando seu amigo e discípulo, Simão de Vries, quis conseguir-lhe uma pensão de 500 florins anuais, Spinoza disse que era muito e aceitou só 300. Em 1658 escreveu seu primeiro livro, *Breve tratado sobre Deus, sobre o homem e sobre a felicidade*, que só foi publicado dois séculos mais tarde. Em 1663 publicou *Renati Cartesii principia philosophiae. Cogitata metaphisica*. Em 1670 apareceu, anônimo, o *Tractatus Theologico-politicus*, no qual sustentava que, “numa comunidade livre deveria ser permitido a cada um cada um pensar o que quisesse e dizer o que pensasse”. O livro foi logo condenado pelas Igrejas protestantes e Católica. Antes desta, Spinoza terminara sua obra principal, *Ethica ordine geométrico demonstrata*, mas adiará sua publicação, temendo ser condenado. A *Ethica* foi publicada em 1677, logo depois da morte do autor, junto com o *Tractatus politicus* e o *Tractatus de emendatione intellectus*, ambos incompletos. (B. Mondim, p. 84-5)

² Spinoza morreu tuberculoso no dia 21 de fevereiro de 1677. (B. Mondim, p. 84-5)
² ROSSI, Roberto. *Introdução a filosofia: História e sistemas*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 124.

uma mesma atividade, conciliando, portanto, o que é infinito com finito, Deus com o homem, pensamento com a realidade, substâncias com a substância.

Depois de Descartes, o primeiro filósofo que indaga sobre tais questões é o próprio Espinosa, esta ação de não seguir outro pensamento, mas “desatar” os nós deixados pelos seus antecessores leva, então, Espinosa a criar uma filosofia original e, por isso, digna de ser identificada como uma das mais importantes da sua época:

Por todas essas razões, a filosofia espinosista influenciou, de maneira notável e por motivações diversas, a reflexão subsequente, surgindo como uma das construções filosóficas mais importantes da época e, pela sua originalidade, de todo o posterior desenvolvimento do pensamento ocidental. As suas características dão-lhe, na realidade, traços de um sistema de perfil oriental, uma como autêntica janela para o oriente, “planta exótica crescida em solo ocidental”, como a definiria cerca de dois séculos depois, Ludwig Feuerbach³.

Contudo, outra novidade de Espinosa diz respeito a sua concepção de substância. Se em Aristóteles, encontramos no ponto de partida o ser como criatura do criador imóvel, em Descartes, o ponto inicial se dá no espírito, já em Espinosa encontramos o inverso, não é mais numa perspectiva intuitiva como em Descartes, determinada e fixa como em Aristóteles, mas dedutiva, isto é, partindo de Deus com uma concepção distinta e uma visão horizontal.

3. 1. A Substância e o Seu Conceito

Considerado mais racionalista que Descartes, Espinosa procura desfazer qualquer mistério que possa envolver o homem colocando a plena confiança na razão. Ele, diferente de Descartes, que segura a posteridade de uma espécie de trialismo: pensamento, matéria e Deus, apresenta um único e verdadeiro monismo. Mas como Espinosa chega a esta conclusão? Como solucionou o problema deixado por seu “mestre” Descartes? O que o levou a unificar seu pensamento sobre a única Substância Suprema? Se quando jovem convenceu-se de que a tradicional interpretação da Sagrada Escritura era incorreta, agora, maduro no seu pensamento, é acusado de panteísmo? E como o polidor de lentes define o que é substância? Eis, portanto, indagações sobre as quais nos debruçaremos agora.

Baruch Espinosa buscando resolver o dualismo cartesiano encontra resposta afirmando que a relação alma-corpo é uma ligação “de correspondência ou de expressão. O indivíduo é

³ Ibidem.

uma estrutura, isto é, uma organização determinada de partes relacionadas necessariamente entre si e esta organização e relacionamento são inteligíveis”⁴. Dessa forma, Espinosa concebe uma única maneira da alma relacionar-se com o corpo. A alma e o corpo não são mais separados, mas uma completa a outra. Não são duas substâncias e sim uma única finita que se manifesta de modo imperfeito. Daí a necessidade de um ser perfeito semelhante ao de Descartes quando se utiliza desta perfeição para provar a existência de Deus.

A convicção de Espinosa de que existe uma substância suprema o levou a apresentar em sua obra, *A Ética, tratado teológico político* “uma espécie de prova ontológica. Ele parte da idéia de Deus para compreender todo o resto”⁵.

Em decorrência dessa dedução, Espinosa inicia sua principal obra, apresentando já em suas primeiras páginas, os fundamentos que caracterizam inteiramente sua nova concepção de substância. Esta, “é concebida por Espinosa como o absoluto, o incondicionado, o que não depende de mais nada; o conceito de substância reduz-se ao de *causa sui*, que Descartes já havia aplicado a Deus, e que constitui o objeto da primeira definição da *Ética*”⁶. Com outras palavras, assim ele a define: “por substância entendo o que existe em si e por si é concebido, isto é, aquilo cujo conceito não carece do conceito de outra coisa do qual deva ser formado”⁷. Esta definição nos impulsiona a medir a autenticidade com a qual a substância se apresenta. Em primeira instância, a substância é vista como o que existe em si mesmo, é como algo que está inserido no tempo e no espaço, porém sem se dar conta das suas influências, aliás, elas sequer são capazes de imprimir no ser os seus raios de mudança.

Em seguida, Espinosa, afirma: “e por si é concebido”. Ora, tal substância não se manifesta através de seus fenômenos, mas de si mesma. Nós vemos a própria substância porque ela tem existência própria. Começa aqui, portanto, a surgir a solução do dualismo deixado por Descartes, que na reflexão de Victor Delbos assim se expressa:

Ora, partindo dessa interpretação, parece fácil sustentar, além disso, que o espinosismo é apenas o prolongamento quase imediato do cartesianismo, já que, por um lado, Descartes justificou a aplicação a Deus do conceito de “causa de si”, por outro lado, o próprio deus da substância uma definição que, tomada em todo rigor, convém somente a Deus⁸.

⁴ SPINOZA, Benedictus de. *Ética*. 3. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. p. 16. (Os Pensadores).

⁵ VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. *História dos filósofos*. 7. ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1988. p. 173.

⁶ MOREAU, Joseph. *Espinosa e o Espinosismo*. São Paulo: Biblioteca Básica de Filosofia. edições 70. 1971. p. 32.

⁷ SPINOZA, op. cit., p. 76.

⁸ DELBOS, op. cit., p. 37.

Mas qual é a causa desta substância? Ora, uma vez tendo-a existência em si mesma não pode ter uma causa exterior, por consequência, a substância é causa de si mesma, ou seja, sua causa manifesta-se em sua própria essência e existe necessariamente. Além disso, “a substância é sempre infinita em seu próprio gênero, isto é, não limitada por qualquer coisa da mesma natureza que ela (pois ser limitado é ser afetado por uma “causa externa”). Logo, toda substância existe necessária e infinitamente”⁹.

Na realidade o pensamento cartesiano só se resolve com a apresentação do pensamento sobre a substância única de Espinosa.

Mas, como “os filósofos” que escrevem nas páginas da vida com suas experiências, nem sempre pensam igualmente, da mesma forma, os filósofos que escreveram o livro da história, com sua sabedoria, também discordam em sua maneira de pensar. Este dissentimento apresenta-se quando, o autor já por nós citado, Roberto Rossi, fazendo referência ao próprio Espinosa, mostra qual o limite da filosofia cartesiana, que a seu ver, Espinosa supera com o seu monismo:

Para Espinosa, o erro básico da filosofia cartesiana foi ter apontado, contraditoriamente, três substâncias: Deus, o pensamento e a própria realidade. Evidentemente, tratando-as como substâncias, essas três entidades não podem se relacionar; cada uma delas ao absoluto, com a oposição das outras duas. Para Espinosa, a substância só pode ser única, *causa sui*, sem nada além dela e, por outro lado, apta a absorver em si todos os conceitos e realidades. Mais substâncias significariam que uma limitaria as outras e falar, como fez Descartes, de criação divina da realidade pensante e da realidade extensa implicaria que estas se apresentassem como algo distinto de Deus, como limite e oposição a ele, realidades que não são mais a substância-Deus¹⁰.

A originalidade de Espinosa se deve à afirmação de que a substância é aquilo “por natureza anterior as suas afecções”¹¹, não está sujeita as mudanças secundárias, mas serve de suporte para “captar” as influências, sem portanto, perder a sua identidade; dito de outra maneira, a substância comporta em sua infinitude tudo aquilo que é finito, contudo, esta

⁹ SCRUTON, Roger. *Espinosa*. São Paulo: Loyola, 2001. p. 52.

¹⁰ ROSSI, Roberto. *Introdução a filosofia: História e sistemas*. São Paulo: Loyola, 1996. p. 126.

¹¹ SPINOZA, op. cit., p. 79.

atribuição só se pode aplicar a Deus; é Ele a única substância, “a causa imanente dos seres que ele faz ser e com eles forma um todo, o Todo”¹².

Adiante mostraremos mais amplamente a concepção que Espinosa tem de Deus. Aqui, continuando o discurso sobre a substância, devemos destacar o que ele menciona quando afirma que a substância é *causa sui*, causa de si. Como deve ser explicado que a causa eficiente da essência e da existência de todas as coisas é ao mesmo tempo causa de si? Para muitos estudiosos, esta concepção deve ser analisada em duas partes:

A definição espinosana da causa de si possui duas partes conectadas por um “ou seja” (*sive*), indicando que a segunda parte não explica a primeira (como seria o caso se estivesse escrito “isto é”), mas é seu equivalente. A definição enuncia que a essência é uma atividade (uma natureza) e que a natureza é uma ação imanente da essência existente (é esta essência). Assim, as duas partes destinam-se a estabelecer a identidade de *essência* e *natureza*, o que é dado não só pelo *sive* que as conecta, mas também pelos verbos empregados por Espinosa. Da essência do que é causa de si, é dito que ela *envolve* a existência; da natureza do que é causa de si é dito que não pode *conceber-se* senão *existente*. Na primeira parte, o sujeito do verbo *envolver* é a essência e o verbo encontra-se no presente do indicativo para denotar a relação entre a essência e a existência; na segunda parte, o verbo é duplo, de um lado, o verbo *conceber* referido ao conhecimento daquilo que é causa de si; de outro, no particípio presente, o verbo *existir*, que se refere à própria natureza do que é causa de si – *existente*¹³.

Encontramos aqui semelhanças entre Espinosa e Descartes. Como já foi referido no capítulo anterior no qual descrevemos a concepção de Descartes acerca da substância como uma realidade que possui existência própria, mas em seguida, o próprio filósofo francês, percebe que este atributo só pode aplicar-se a uma única substância, Deus, causa de si mesmo e, por esta razão, sendo antes de existir.

Em Espinosa, o mesmo argumento é retomado quando ele afirma que há uma única substância e que esta é, por natureza, Deus. Para o filósofo, “uma substância não pode ser produzida por outra substância”¹⁴. Ora, se tudo o que existe não pode ser criado fora de Deus, porque Deus é uma substância e desta forma ela não pode produzir outra substância, logo a natureza é o próprio Deus. Ele e natureza são a mesma coisa (o que o leva futuramente a ser acusado de panteísta). Neste pensamento, encontramos a renovação da concepção de que

¹² DELBOS, op. cit., p. 27.

¹³ OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio. (Orgs). *O Deus dos filósofos modernos*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002. p. 92.

¹⁴ SPINOZA, op. cit., p. 79.

Deus é a própria *causa sui*, causa de si, não dependendo de outra para existir, pois a sua existência já é sua essência.

Giovanni Reale ao refletir sobre o modo como Espinosa enfrenta a questão da substância sustenta:

E a visão da realidade em que se baseia é a de que Deus é precisamente a única substância existente, de que “tudo o que existe, existe em Deus, pois sem Deus nada pode existir nem ser concebido” e de que “tudo o que acontece, acontece unicamente pelas leis da natureza infinita de Deus e decorre da necessidade de sua essência”¹⁵.

Mas o que leva Espinosa a colocar no centro de sua reflexão a idéia de Deus como causa Suprema e constituinte de infinitas propriedades, entre as quais, somente os atributos e os modos são considerados como reconhecíveis pela razão humana? São estas indagações seguidas de suas respostas que pretendemos mostrar no tópico seguinte.

3. 2. Deus, Segundo Baruch Espinosa

Tendo em vista que a metafísica espinosana é posterior àquela que Aristóteles chamou de filosofia primeira, e que é um prolongamento da explanação cartesiana, é forçoso identificarmos que a concepção de Deus, presente na reflexão tanto de Aristóteles como de Descartes, ganha atributos diferenciados. Assim, podemos dizer que Aristóteles concebe o ser como causa primeira daquilo que é mutável, instável, sendo composto este ser de diversas categorias entre as quais a substância torna-se pioneira, pois sem ela o mesmo ser não se torna causa e princípio primeiro de todas as coisas. Seguindo as pegadas do mesmo pensador podemos reafirmar então o que dissemos anteriormente, no capítulo primeiro: existe no universo uma força imutável que é capaz de mover sem se deixar ser movido, e este motor imóvel, para Aristóteles deus. Contudo, este deus que Aristóteles concebe é uma entidade que não se preocupa com o mundo, ele apenas o criou e daí por diante cabe ao próprio mundo realizar a sua existência.

A mesma concepção de Deus encontramos em Descartes. Se em Aristóteles chegamos a ela pelo movimento, em Descartes, a existência de Deus se dá pela perfeição, como

¹⁵ REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. *História da filosofia: do humanismo a Kant*. 6. ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2, p. 414. (coleção Filosofia).

podemos ver nesta definição cartesiana: “Deus é a perfeição que conduz nossos passos instintivamente para a luz”¹⁶. Esta conclusão se dá, no entanto, através do *cogito*, ou seja, da auto-consciência. Por outro lado, Deus como sendo causa de si mesmo volta a repetir aquilo que para Aristóteles é sua função, isto é, criar o mundo e daí por diante é tarefa do próprio mundo tornar-se “adulto”. Para Descartes, como denuncia Pascal, “Deus cria o mundo, mas por ele não se interessa, pois o mundo cartesiano não precisa de Deus”¹⁷.

Espinosa, por sua vez, se distingue tanto de Aristóteles como de Descartes. Seu pensamento parte da absolutização do ser para o ser absolutizado. Em outras palavras, Espinosa parte de Deus para chegar à natureza, ao mundo, e alcançado tal destino, reforma esta mesma natureza com a presença de Deus, tornando-a igual a ele ou sendo apenas uma atualização da sua essência. Deus não é um ser finito, de pequenas qualidades ou propriedades, mas é um ser poderoso que comporta inúmeros atributos. Assim Espinosa define Deus como “o ente absolutamente infinito, isto é, uma substância que consta de infinitos atributos, cada um dos quais exprime uma essência eterna e infinita”¹⁸. A substância é, portanto, um ente que consta de infinitos atributos, logo, ela não tem início ou fim, porque é causa de si mesma, ou seja, a sua causa está presente em sua própria essência e ela existe necessariamente. “Por isso, ainda, deve ser reconhecida como eterna (é o que existe necessariamente) e infinita (não é limitada por nada exterior a ela)”¹⁹.

Se a substância é causa de si, como Deus é a própria causa, logo Deus é uma substância, mas não apenas isto, ele é a substância de tudo aquilo que existe, pois “tudo o que existe, existe em Deus, e sem Deus nada pode existir nem ser concebido”²⁰.

Deus no pensar espinosiano é a totalidade das coisas, ou seja, de tudo o que é real. Não há nada fora de si, pois Deus por um único ato causa a si e a todas as coisas tornando-as conseqüências necessárias de sua essência e modificação de seu próprio ser.

Para Espinosa, a existência de Deus não deve ser apenas presenciada como um ente infinito do qual todas as propriedades emanam, mas como uma substância livre que existe exclusivamente pela necessidade da sua natureza e por si só é determinada a agir;

A concepção de substância em Aristóteles e Espinosa difere, no dizer de Roger Scruton, da derivação das idéias lógicas que até então eram tomadas confusamente, pois as

¹⁶ DESCARTES, René. *Discurso do Método*. São Paulo: Martin Claret, 2004. p. 16.

¹⁷ PASCAL, Blaise, *Pensieri*, 77 – 79; 146 – 147. San Paolo: Paulus, 1996. p. 147 e 174

¹⁸ SPINOZA, op. cit., p. 76.

¹⁹ Homero Santiago. *O ente absolutamente infinito*. São Paulo, Revista Espinosa, páginas 43 a 45, número 8, Fevereiro de 2007.

²⁰ SPINOZA, op. cit., p. 76.

mesmas remontavam a aspectos diferentes dos quais Espinosa não contemplou como verdadeiro em sua metafísica:

Com este objetivo ele descreve:

Já é óbvio que o uso de Espinosa do termo "substância" não se conforma à tradição aristotélica. Ao mesmo tempo, Espinosa via suas provas como derivando das inevitáveis conseqüências lógicas de uma idéia que havia antes sido apenas confusamente compreendida. Muitos pensadores escolásticos e cartesianos consideraram as substâncias como os constituintes últimos da realidade e, como tais, dependentes de si mesmas. O que eles deixaram de ver foi a conseqüência desse pressuposto – a saber, que qualquer substância precisa ser *causa de sui* e, portanto, necessariamente existente²¹.

Em outra interpretação, pode curiosamente surgir a pergunta: em que aspectos podemos identificar semelhanças ou diferenças quando nos referimos ao pensamento do filósofo estudado neste capítulo e a aquele que contemplamos no capítulo anterior acerca da substância? Para que possa ser equacionada esta possível indagação destacamos o que os escritores afirmam a esse respeito:

Como para Descartes, também para Espinosa a substância não é gênero, os atributos não são espécies, nem os modos, acidentes; também para ele o atributo constitui a essência dela e a potência ou força interna para existir e agir é o centro da substância em sentido pleno. Mais aí termina a concordância entre ambos²².

Caracterizamos, o pensamento de Aristóteles, Descartes e Espinosa no que concerne ao ensinamento da realidade material como possuente de um princípio primeiro que a antecede, e este, num sujeito que está em constante mutação se apresenta imutável. Espinosa por sua vez, defende que tal realidade é Deus, embora ele seja a única substância da qual irrompem, apenas, duas realidades: os atributos e os modos.

Em decorrência destas propostas faz-se necessário considerarmos que, além das soluções indicadas para o princípio primeiro, há também as diversas acepções dentre as quais a da presença de uma criatura mutável em um sujeito imutável. Da mesma forma, que para Descartes o homem é um indivíduo constituído de duas substâncias, *res cogitans* e *res extensa*, para Espinosa, Deus é uma única substância da qual irrompem inúmeras

²¹ SCRUTON, op. cit., p. 48.

²² OLIVEIRA; ALMEIDA, op. cit., p. 102.

propriedades, porém sendo possível à razão humana conhecer apenas duas como apresentaremos a seguir.

3.3.1. Atributos

Para Espinosa, Deus é a substância que atua sempre em liberdade, e por isso, imprime na realidade das coisas seus infinitos aspectos. Deus pode, portanto, ter inúmeros atributos. Mas por estes não se deve levar em consideração a interpretação tradicional, mas considerá-la sob um novo plano novo do conhecimento, pois Espinosa entende por atributos “o que o intelecto percebe da substância como constituindo a essência dela”²³. Esta definição afirma que os ‘Atributos’ não devem ser tomados em sentido lógico, isto é, como complemento de um sujeito, algo que se afirma ou se nega sobre ele, mas em um sentido metafísico, como aquilo que determina uma propriedade essencial da substância.

Os atributos não devem ser tomados de maneira subjetiva, eles ultrapassam os limites do horizonte do conhecimento humano. Espinosa afirma que existem apenas dois, e que através destes a substância manifesta a sua infinitude. Com outras palavras, em Deus há somente dois atributos: extensão e pensamento. À medida que todos e cada um expressam a infinitude da substância divina, os mesmos devem ser concebidos em si mesmos, ou seja, cada um separadamente, sem a ajuda do outro, mas não como entidades estanques, pois só a substância é entidade em si e para si.

Vale lembrar aqui o que Giovanni Reale, citando o próprio Espinosa, afirma sobre os atributos.

Está claro que embora dois atributos sejam concebidos como realmente distintos, isto é, um sem a ajuda do outro, não podemos, entretanto concluir que eles constituem dois seres ou duas substâncias diferentes. Com efeito, é próprio da natureza da substância que cada um dos seus atributos seja concebido em si mesmo, já que todos os atributos que ela possui sempre estiveram juntos nela, um não podendo ser produto do outro, mas cada qual expressando a realidade ou o ser da substância. Assim, está longe de ser absurdo atribuir muitos atributos a uma mesma substância. Ao contrário, nada está mais claro por sua natureza: cada ser deve ser concebido sob um atributo qualquer e tem tanto mais atributos que expressam a sua necessidade, isto é, a sua eternidade, e a sua infinitude quanto maior é a realidade ou o ser que os possui. Conseqüentemente, nada está mais claro do que isto: o ser absolutamente infinito deve ser definido (...) como constituído de infinidade de atributos, cada qual expressando determinada essência eterna e infinita. Portanto, é evidente que todos e cada um desses atributos são eternos e imutáveis, tanto em sua

²³ SPINOZA, op. cit., p. 76.

essência como em sua existência, enquanto expressões da realidade eterna da substância²⁴.

Evidencia-se que para Espinosa tudo o que podemos conhecer é um atributo. Para Descartes, entretanto, o pensamento – *res cogitans* – e a matéria – *res extensa* – são as duas únicas substâncias. Já Espinosa ensina que pensamento e matéria são atributos da substância única, que é Deus. Cada coisa é desta forma concebida em sua natureza e no seu manifestar-se, assim os corpos só podem ser percebido através de seu movimento, de sua figura, o pensamento através de uma idéia, porém, “o atributo distingue-se dos modos ou afecções da substância em virtude de ser concebido por si”²⁵. Todos os atributos, ou seja, aquilo que cai sob os meus olhos como parte constituinte da essência da coisa, deve ser considerado em si. Desta forma, o atributo difere-se dos modos e se aproxima-se da substância. Mas o que faz ambos se diferenciarem é que os atributos não têm existência em si, isto é, não são causas de si. Já a substância, por sua vez, é independente e causa de si mesma, sem nenhuma realidade exterior que lhe dê existência. Assim, a substância torna-se presença necessária e anterior a qualquer modo e atributo, pois ambos não subsistem em si, mas somente através dela que é em si e concebida por si.

3.3.2. Modos

A maneira como a substância única expressa a sua infinitude na finitude, sua eternidade no tempo, e de o homem conhecer tal situação é através dos modos. Eles são assim definidos por Espinosa: “por modo entendo as afecções da substância, isto é, o que existe noutra coisa pela qual também é concebido”²⁶.

Tal definição remete ao pensamento de Aristóteles quando este elabora as suas meditações sobre os acidentes. Para ele, os acidentes são “propriedades ou atributos que uma essência pode ter sem perder seu próprio ser”²⁷. Com outras palavras, Aristóteles quer nos fazer entender que os acidentes são aquilo que podem estar ou não no ser, sendo este ser incapaz de sofrer mudanças ou perder sua identidade própria. Em Espinosa, os modos são concebidos como as sensações da substância. Como em Aristóteles os acidentes necessitam da

²⁴ REALE; ANTISERI, op. cit., p. 416.

²⁵ MOREAU, Joseph. *Espinosa e o Espinosismo*. São Paulo: Biblioteca Básica de Filosofia. edições 70. 1971. p. 33.

²⁶ SPINOZA, op. cit.; 76.

²⁷ CHAUI, Marilena. *Convite à filosofia*. 13ª ed. São Paulo: Ática. 2006. p. 190

matéria e da forma para tornar-se perceptível, em Espinosa, os modos precisam da substância e dos atributos para se tornarem concebíveis; desta forma, os modos tornam-se necessários para identificar as inúmeras manifestações que uma substância apresenta, pois eles são “algo que não podem existir independentemente, mas somente em alguma outra coisa, da qual depende”²⁸.

Espinosa afirma que os modos são coisas produzidas pela Substância-Deus. Daí, por que eles são contados como inúmeras afecções de um Deus eterno e infinito.

No tocante à finitude e infinitude dos modos, Espinosa faz uma distinção interessante, o que leva B. Mondim à seguinte interpretação:

Uns são finitos, outros infinitos. Os modos infinitos são quatro: dois deles são produzidos por Deus imediatamente: o movimento e o intelecto infinito, e dois mediamente: a configuração de todo o universo, produzido mediante o movimento, e a idéia de Deus, produzida mediante o intelecto infinito. O número dos modos finitos não tem limites: eles não são senão as coisas particulares, finitas. Cada modo é repetido em cada um dos atributos. Existe por isso, um paralelismo perfeito entre os modos como entre os atributos²⁹.

Dito com outras palavras, a dualidade cartesiana consistia na presença de duas substâncias no homem, a saber: a *res cogitans* e a *res extensa*, sendo aquela traduzida em pensamento e esta em extensão. Em Espinosa temos em contrapartida ao que Descartes entende por pensamento, os atributos e, por modos, o que Descartes concebia como matéria, como corpo.

Assim, tanto em Descartes como em Espinosa, encontramos a presença da finitude e da infinitude. Mas, se tudo o que existe na natureza é fruto da produção divina, da substância infinita, como pode haver ao mesmo tempo e na mesma natureza algo finito? Respondemos a questão posta levando em consideração o pensamento de Espinosa sobre Deus e o mundo.

3.4. Panteísmo Espinosano

²⁸ SCRUTON, op. cit., 49.

²⁹ MONDIM, op. cit., p. 89.

Deus, segundo Espinosa, é puramente idêntico e não distinto do mundo, do mesmo modo, o mundo por sua própria essência, é idêntico a Deus. Esta conclusão leva Espinosa a ser considerado como panteísta. Tal termo não foi atribuído apenas à concepção espinosiana, embora tenha sido cunhado com um novo significado, mas a sua presença pode-se notar desde o pensamento clássico. No entanto, a reflexão de um Deus idêntico à natureza tornou-se, “expressão mais madura de panteísmo no neoplatonismo, particularmente em Plotino”³⁰ (205 – 270). Assim, pode-se entender por panteísmo “a doutrina segunda a qual Deus é a natureza do mundo identificando-se causalidade divina com a causalidade natural”³¹.

Neste sentido, a expressão célebre de Espinosa, “*Deussivenatura*” serviu de embasamento para que estas críticas fossem consolidadas, e fundamentasse as motivações para sua exclusão da comunidade judaico-cristã. A designação de Deus como uma substância e, conseqüentemente, sua equiparação à natureza, realmente, contrapõem-se aos conceitos tradicionais de Deus. Por esta razão seu pensamento tornou-se revolucionário a tal ponto de ser considerado por alguns como ateu.

Todavia, o pensamento de Espinosa não evidencia um Deus ausente, isto é, invisível nas suas ações, mas é um ser que traz para dentro de si, na sua infinitude, as manifestações do finito. Elas são acolhidas por ele e, em seguida, retornam à natureza através dos dois modos sob os quais o homem é capaz de conhecer, a saber, extensão e pensamento.

Esta interação se dá pelo fato de que “Deus é causa imanente de todas as coisas, e não causa transitiva”³². Assim esta causa, segundo Espinosa, apresenta-se como uma necessidade, mas não uma qualquer e, sim, como uma causa eterna. Desta forma, ela se separa do movimento das coisas, mas não pára de agir porque “em Deus e natureza não há contradição”³³.

Ademais não pode existir, no âmbito da reflexão espinosista, uma natureza fora da Natureza Suprema. Se Deus é a Substância com seus infinitos atributos, o mundo, por sua vez, se apresenta nos modos finitos e infinitos, porém, estes são dependentes da existência daqueles, isto é, dos atributos.

Com isso, temos em Espinosa a *Natureza Naturans* e a *natureza naturata*:

³⁰ ABBAGNANO, Nicola. *Dicionário de filosofia*. 4. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000. p. 249.

³¹ Ibidem. p. 742.

³² SPINOZA, op. cit., p. 76.

³³ SCRUTON, op. cit., p. 59.

Deus e mundo, causa e efeito, não são duas realidades, mas uma só, a realidade universal, a natureza (que significa "genitura", produção). Mas, considerada como infinita atividade produtora, a natureza é *natura naturans* (natureza criadora, Deus); considerada como infinito produzido é *natura naturata* (natureza criada, o mundo); Deus não é senão a natureza enquanto causa de si mesmo (substância e atributos), e o mundo não é senão Deus como efeito de si mesmo, como modificações de si mesmo, como sistema de modos³⁴.

O ponto chave para entender a distinção entre *Natureza Naturanse natureza naturata*, como tudo é necessário na *natura naturans*, assim tudo também é necessário na *natura naturata*. E igualmente necessário é o nexos que une entre si, *natura naturanse natura naturata*. Deus não somente é racionalmente necessitado na sua vida interior, mas se manifesta necessariamente no mundo, em que, por sua vez, tudo é necessitado, a matéria e o espírito, o intelecto e a vontade. Por isso, o mundo é a consequência necessária de Deus.

Em resumo, destacamos o que Giovanni Reale afirma sobre esta divisão:

Quero explicar aqui o que devemos entender por natureza naturante e o que entender por natureza naturada, ou melhor desejo fazê-lo notar. Pois creio que isso derive daquilo que o precede, isto é, que devemos entender por natureza naturans o que existe em si e é concebido por si mesmo, ou seja, os atributos da substância que expressam uma essência eterna e infinita, isto é, Deus considerado como causa livre (...). E, por natureza naturata, entendo tudo que procede da necessidade da natureza de Deus ou de cada um dos atributos de Deus, isto é, todos os modos dos atributos de Deus, considerados como coisas que estão em Deus e que não podem existir nem ser concebidas sem Deus³⁵.

Tal distinção serviu de embasamento teórico para algumas críticas ao seu pensamento. O ponto de vista sobre o qual Espinosa norteou a sua reflexão sobre Deus e o mundo, pode ser visto como algo contraditório. A questão levantada pode ser assim formulada: Como um ser infinitamente perfeito, cuja existência é eterna e necessária pode ser comparado e identificado com os desarranjos do universo?

Naturalmente, Espinosa não vê nisso incoerência e, por isso, elabora a concepção de que Deus é um ser absolutamente infinito é, por esta razão, indivisível. Mas os atributos e os modos não seriam uma divisão deste ser perfeito? Para Espinosa não, eles são manifestações da *Natura naturans*, ou seja, são efeitos da única substância que, por sua vez, provoca a existência dos mesmos.

³⁴ MONDIM, op. cit., p. 88.

³⁵ REALE; ANTISERI, op. cit., p. 418.

Dai a idéia de que todas as coisas estão compreendidas em Deus. A fórmula *Deussive natura* não anula toda a distinção entre Deus e as criaturas, mas direciona a distinção entre *Natureza Naturada* e *Natureza Naturans*, visto que a sua reciprocidade leva a entender a transcendentalização de Deus sobre as criaturas.

Por conseqüência da explanação do panteísmo de Espinosa deve-se dar importância aos dois termos que acima explicamos. Com eles, o filósofo quer mostrar a existência de uma verdade amplamente aceita nos dias atuais. Esta verdade constitui-se, para nós, na afirmação de que a Natureza é mãe e, assim sendo, encontramos nela uma vida natural que manifesta a grandeza do Soberano. Com outras palavras, afirmamos que a fonte de tudo está na Natureza da qual emana a causa interior e criadora de todas as coisas. É, pois, com esta necessidade de interação que encontramos em Espinosa um pensamento singular sobre Deus e a natureza, ambos apresentados em recíproca relação.

CONCLUSÃO

O presente tema que descrevemos quis desvelar o pensamento sobre a substância a partir dos filósofos, Aristóteles, Descartes e Espinosa. Não foi, contudo, o nosso objetivo, contrapor o pensamento destes filósofos e, sim, definir como ele se apresenta. No entanto, concluiremos nosso trabalho colocando em cheque a necessidade do homem contemporâneo de retornar a este princípio, haja visto que, a pergunta pelo fundamento fundamente, isto é, pela substância, não se encontra dentro das especulações de muitos pensadores da atualidade.

Contudo, a expressão metafísica da substância requer reflexões mais apuradas, pois como vimos, a sua necessidade não se manifesta simplesmente no âmbito cosmológico, antropológico e metafísico, mas estende-se a outras áreas do conhecimento, tendo em vista que a substância trata de uma necessidade tão real e necessária quanto de um ser. Aliás, na expressão aristotélica, ela é o próprio ser. Assim, a substância apresenta-se como uma resposta ao fato da realidade material se modificar, mas permanecendo sempre um núcleo invariável.

Embora, esteja a substância independente de qualquer realidade, quer seja no homem, como vimos em Descartes, quer seja na natureza, como vimos em Espinosa, a sua função primordial, que é o existir, se torna indubitável, inexprimível e inviolável diante da manifestação dos outros entes.

Neste sentido, a existência da substância proporciona ao homem o conhecimento seguro e transparente da realidade. Ele não se prende ao exterior das coisas mas se fixa no interior destas conferindo-lhes uma certeza incontestável.

A substância, como vimos em Aristóteles, é o ser por excelência. Ela dá ao homem a imutabilidade do conhecimento. Em outras palavras, explicamos esta afirmação: Eu vejo Pedro. Em certo dia, ele está vestido de camisa verde e calça azul. Passa-se dois meses, volto a vê-lo novamente, mesmo estando trajado com roupas de cores diferentes, eu o conheço porque algo nele não mudou, esta coisa imutável é para

Aristóteles, a substância. A cor da camisa seria para o filósofo de Estagira, a substância segunda, isto é, aquilo que se pode atribuir a primeira substância, no caso a Pedro.

Mesmo a substância sendo um tema muito presente na filosofia, ela não deixa de ser um problema complexo. Neste sentido, vimos nos três filósofos, que a substância é um termo de variadas reflexões e que possui dimensões, adaptações em consequência das circunstâncias históricas nas quais o pensamento de cada filósofo está inserido.

O pensamento do homem de hoje não se caracteriza mais pela busca incessante do fundamento, mas se prende apenas às suas manifestações. Esta nova maneira da razão conceber o ser leva o homem ao dilema existencial. Assim, as perguntas que irrompem do seu interior; de onde vim? Para onde vou? Por que existe o ser, o mundo e não o nada? Tem se manifestado, sobretudo, no mundo contemporâneo como um sentimento de angústia porque para este homem não são mais as coisas que lhe dão a possibilidade para delas ele falar, mas é ele próprio que emite o seu juiz. As coisas não representam o seu fundamento em si mesma, mas de diversas formas. Um objeto de indagação pode, ao mesmo tempo, ser estudado por diversas ciências como a filosofia, a biologia, a metafísica. Com isso, a substância, o ser primeiro, deixa de ser estudado. Não importam mais a sua presença.

O avanço das ciências naturais e da técnica tem proporcionado, ao seu modo, o distanciamento do homem do ser primeiro, pois tem se manifestado, não poucas vezes, o desinteresse no refletir sobre a realidade presente. O homem, convencido pela atual ciência deixa-se moldar pelo modelo que esta apresenta. E mais, acredita que ela é capaz de explicar todos os fenômenos existentes na atualidade, sem precisar de maiores especulações nem de ir ao encontro do ente primeiro.

Neste aspecto, o homem cria a concepção de que não se faz necessário refletir sobre algo que está além, que está na base de que o sustenta. Não se torna urgente indagar sobre o fundamento, pois este impossibilita, segundo ele, de chegar ao conhecimento de forma imediata.

Paul Gilbert explicando este enganar-se escreve:

Se todo conhecimento começa pela experiência do que é inteligível, não podemos compreender uma substância sem primeiro acolher sua essência. Mas não é porque devemos pensar a substância segundo sua apresentação na essência que essa substância é somente sua presença essencial e que deve ser pensada nesses limites. Da impossibilidade de pensar de outro modo que acolhendo a essência, não se pode concluir que o pensamento só atinge essências. De fato não se pode negar que o intelecto atinja o que realmente

é. Ao contrário, é necessário pensar que atinge as substâncias que são suas essências subsistindo realmente em ato, e que as conhecemos como tais. Negá-lo seria negar a possibilidade de todo evento real, inclusive o da negação. Tem-se, portanto, de pensar que é possível, porque é necessário, compreender do interior do mundo das essências, o ato que está além¹.

Segundo Paul Gilbert podemos concluir que a substância não é simplesmente a coisa se manifestando, mas é a própria coisa, ou seja, aquilo que ela é. Aliás, esta demonstração já Aristóteles formula e mostramos no primeiro capítulo. Com razão, a substância torna-se o ato por excelência. A substância é, por assim dizer, o espelho que recebendo o reflexo do objeto dar ao mesmo tempo ao objeto diante de si, a forma. O espelho, que é a substância, sem o objeto frontal não tem forma, como o objeto, que é a forma, sem o espelho não tem substância.

Daí, a dificuldade do homem moderno se encontrar como ente em si mesmo. Ele apenas fica no reflexo “do espelho”. Quando isso ocorre, provoca no próprio homem o desnorreamento, a perda de rumo, a angústia, o desespero, a perda de sentido.

O Papa João Paulo II, em sua Encíclica *Fides et Ratio* constata o desinteresse do homem moderno pelo fundamento. As perguntas por que existe o ser e não o nada, de onde vim? Onde estou? Para onde vou? Não ressoam mais como antigamente, no ser do homem. A razão humana, assim, perde o sentido de busca, torna-se uma razão débil, instrumentalizada e sem projetos vindouros, acomodando-se com as simples manifestações dos fenômenos.

Além disso, não há mais um sistema que leve de maneira mais coletiva o homem ao todo. Cada homem formula o seu princípio de aproximação com o ser fundante. Da mesma forma, acontece no conhecimento: cada ciência apresenta seu método e objeto de indagação. Até a própria filosofia desgalha-se em diversos ramos para atingir o topo de cada objeto de pesquisa. A metafísica, segundo o Papa “é o caminho obrigatório para superar a situação da crise que aflige, atualmente, grandes setores da filosofia e, desta forma, corrigir alguns comportamentos errados, e difusos na sociedade”².

A crise de sentido, da qual o Papa fala, manifesta-se exclusivamente na ausência desta substância. Por isso, a necessidade de retornarmos a ela o que leva a aceitar o convite o qual é apresentado na Encíclica, que consiste na resolução do “desafio do novo milênio que é saber realizar a passagem do fenômeno para o fundamento”³.

¹GILBERT, Paul. *Prolegômenos a metafísica*. São Paulo: Loyola, 2004. p.239.

²JOÃO PAULO II. *Fides et Ratio*. 7ed. São Paulo: Paulinas, 2004. nº 83. p. 113.

³Ibidem. p. 112.

Lamentavelmente, é triste a situação a qual se chegou à razão humana. Ela em si mesma, aberta ao Absoluto, fechou-se sobre o círculo de sua finitude e tornou-se razão instrumental apenas, dirigida tão-somente à consideração dos fenômenos, deixando de lado a pergunta pelo fundamento. No referido convite, o papa convida todos os pensadores a fazer esta passagem do fenômeno ao fundamento. A razão instrumental, sem dúvida, muito contribuiu com o avanço científico e tecnológico, muito úteis à humanidade. No entanto, se a razão se reduz apenas à habilidade de lidar com os fenômenos e não ousa alçar vôo em busca do sentido, traz ao homem um sério paradoxo: De um lado, proporciona-lhe capacidade de manipular, cada vez mais, os fenômenos; de outro, já que está destituída de sua vocação sapiencial, torna-se incapaz de lidar eticamente com os problemas que decorrem dessa manipulação. Aqui, encontra-se a tese central que postula a atualização do tema substância: Nos clássicos e modernos à ascensão do mesmo, nos pós-modernos o declínio de sua presença, agora, nos contemporâneos, o retornar-se urgente e necessário ao ser primeiro.

Portanto, a substância da qual Aristóteles fala, que Descartes discute, que Espinosa discorre leva-nos a concluir que é a única Substância espiritual. A mesma que Aristóteles chama de Motor Imóvel, que Descartes denomina de Perfeição, que Espinosa apelida de Substância Suprema. A substância é em suma, Deus, pois se aspiramos a um conhecimento real, capaz de nos conduzir na vida e nos proporcionar a salvação, é necessário, logo que possível, que alcancemos uma ideia da qual, se possa deduzir a totalidade dos conhecimentos, uma ideia que seja a origem e a fonte de toda as nossas ideias, o conhecimento de um Ser que seja um princípio e a causa de todos os seres, Deus.

ANEXO

Semelhanças e Diferenças da Noção de Substância em Aristóteles, Descartes e Espinosa

O itinerário que até aqui percorremos quis contemplar a questão da evolução do conceito de substância. A prova desta necessidade se apresenta, porém, no aspecto reflexivo da filosofia. A busca de um fundamento como característica específica do filósofo torna-se um método indiscutível para se chegar a uma causa que anteceda a todas as demais. Esta procura faz-nos interrogar sobre como é possível identificar um ser imutável em meio às mudanças e que causa transformações sem ele mesmo sofrê-las? Em resposta, apresentamos em forma de resumo as diferenças e semelhanças encontradas acerca da substância tendo como base os mencionados filósofos, a saber, Aristóteles, Descartes e Espinosa.

Para uma interpretação mais apurada podemos destacar o que os interpretes colocam como ponto de partida para o fundamento de cada filósofo. Assim temos, em Aristóteles, a reflexão em torno da substância como um princípio primeiro cujo ser se apresenta em meio às criaturas, pois ela “é fundamentalmente algo individual, ou seja, uma entidade particular”¹. Este ente unificador é para Aristóteles, o próprio ser. Em contrapartida, temos no pensamento de Descartes o *cogito*, e a divisão da substância, que no homem se apresenta como a *res cogitante* a *res extensa*. Em Aristóteles, temos apenas uma única substância, aquela que é singular por originalidade. Assim como o sujeito está para o predicado, a substância primeira está para o seu efeito. Tal reflexão, como vimos no primeiro capítulo leva Aristóteles, ao dualismo o qual consistia na existência de substâncias: simples e compostas. Em Descartes, o dualismo é fácil de ser percebido, porém, a sua reflexão parte de duas substâncias independentes que mesmo estando unidas no homem, uma não depende da outra. Assim uma não está para a outra, mas para seu próprio percurso, tendo, enfim, a sua união somente na glândula pineal.

¹ GUIDO, Imaguire; ALMEIDA, Custódio Luis S. de; OLIVEIRA, Manfredo Araújo de; (Orgs). *Metafísica contemporânea*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007. p. 273.

Em Espinosa não encontramos duas substâncias, mas apenas uma, aliás, é com ela que o filósofo começa sua reflexão, o que o leva, naturalmente à discussão de que é necessário partir do máximo para o mínimo. Desta forma, Espinosa concebe Deus como uma substância incausada e que tudo o que existe é uma manifestação da substância divina.

Para Aristóteles a substância é “o que não se predica de algum substrato, mas aquilo, de que todo o resto se predica”.² Com outras palavras, é aquilo que existe por si independentemente de qualquer outra coisa. Em Descartes, a substância é definida como uma coisa que existe de tal maneira que não necessita de nenhuma outra para existir, porém, esta substância totalmente independente só pode ser, segundo Descartes, Deus. Percebemos que todas as outras não podem existir sem o concurso desta. A definição aristotélica de substância aponta para o sujeito, por conseguinte, para o fundamento coincidindo, este sujeito com a própria substância.

Desta dualidade decorre o pensamento de Espinosa que concebe a substância como o ser que existe sem necessidade de outro para existir. Tudo o que existe em si e por si é denominado de substância, e não somente por esta razão, mas porque ela também é única, eterna, absolutamente complexa ou absolutamente infinita e tais categorias só se podem aplicar a Deus.

A diferença de concepções de Deus nos três pensadores pode ser assim descrita: para Aristóteles, ele é um ser imutável, que move todas as coisas sem se deixar ser movido. Deus não está nas coisas, mas pelo contrário, ele nem se quer se preocupa com as suas existências, elas é que são pela própria natureza predestinadas a caminharem em sua direção, pois ele as atrai.

Já em Descartes, Deus é um Ser perfeito que possui idéias claras e distintas. Todavia, deve-se colocar em questão que o agir de Deus, tanto em Aristóteles como em Descartes, é concebido de maneira igual. A sua ação constitui, pois, em dar os primeiros passos e daí por diante o mundo caminhar com seus próprios pés. Nem em Aristóteles, nem em Descartes Deus precisa do mundo.

Em Espinosa, Deus é causa de si o que o torna semelhante ao das concepções anteriores, mas, ao mesmo tempo, ele é uma substância cuja existência necessita dos outros atributos para se manifestar. Assim Deus se apresenta como um Ser necessitado do mundo, um não tem existência sem o outro e vice-versa. As origens destas concepções se dão pela definição, assim temos: “Descartes que parte do conceito de perfeição para provar a existência

² REALE, Giovanni. *Metafísica de Aristóteles*. v. II. São Paulo: Loyola, 2002. p. 293

de Deus, Espinosa que prova a existência da Substância partindo de sua definição”³. Essas diferenças, contudo, constituem toda a filosofia de ambos, porém prevalece à semelhança no tocante à independência da substância, pois em Descartes Deus existe por si mesmo assim como em Espinosa a substância Suprema existe em si e por si.

No tocante aos atributos, Aristóteles não os vê como algo distinto da substância, mas ambos são iguais cabendo, porém, à razão, encontrar os sinais que separam um do outro. O que é bem diferente com Descartes, porque eles são, na visão do filósofo francês, características explícitas das duas substâncias existentes, *res cogitans* e *res extensa*.

Com Espinosa os atributos são percebidos como expressões da Substância Suprema, ou seja, tudo o que cai aos nossos olhos são considerados atributos da única Substância, por isso que muitas vezes esta concepção foi alvo de inúmeras críticas, pois os atributos assim considerados, seriam na reflexão do filósofo, outras substâncias. Mas esta argumentação não foi muito adiante, sendo derrubada com a justificação de que estes atributos não têm existência própria. Com isso os atributos no discurso de Espinosa, assemelham-se aos da concepção cartesiana que afirmava que os mesmos eram ligados a substância.

Entre os principais atributos podemos destacar dois. Aqueles com os quais Deus se externaliza e que a mente humana pode captá-los: pensamento e extensão. Em Descartes estas qualidades são atributos de duas espécies de substância, o que é diferente em Espinosa. Para este, os atributos e os modos são expressões de uma única substância. Em resumo, temos em Descartes o pensamento e extensão. Em Espinosa, o que Descartes chama de pensamento, ele chama de atributo e modo o que Descartes chama de extensão.

Ora se os modos são maneiras de ser do Ser, logo são extensivos. E, se são extensivos, caracterizam-se por aquilo que Aristóteles chama de acidentes. Eles vão determinando o que os atributos são e, desta forma, dão existência ao ser primeiro que é, por excelência, a substância. Neste sentido os modos espinosiano se assemelham aos acidentes aristotélicos e ambos coincidem na determinação de algo, isto é, produzem a singularidade de uma coisa.

Quais são os métodos então utilizados pelos filósofos para chegarem a estas conclusões? Por que o pensamento de um filósofo influenciou o pensamento do outro de tal forma que o objeto de indagação, ou seja, a substância, pode ser concebida de diversas maneiras?

Inquestionavelmente, encontramos tanto em Aristóteles, como em Descartes e, por fim, em Espinosa, procedimentos diferentes para se chegar à questão da substância.

³ MONDIM, Batista. *Os filósofos do ocidente*. 9. ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2, p. 87. (coleção filosófica).

Aristóteles inicia buscando a existência de um ser necessário, de um sujeito primeiro que tem certa influência no mundo, mas ao mesmo tempo se caracteriza pelo tom colorado em que as palavras podem demonstrá-lo. Desta forma, a substância, afirma Aristóteles, é o sujeito primeiro que está disponível para receber qualquer predicado. Ele agrega-se a ela, mas não é capaz, de determinar suas qualidades, pois a substância é por natureza um ente individual.

Descartes, por sua vez, parte da dúvida metódica segunda a qual o homem com sua capacidade de pensar consegue chegar às verdades evidentes. Se existe o sonho, se faz necessário que antes se tenha um sonhador, se existe um ser que sonha logo ele é imbuído da capacidade de raciocinar, por isso a famosa frase de Descartes, penso logo existo tem razão. Contudo, esta verdade é atingida em Descartes pela intuição, assim, encontramos nele a sua concepção de que ela, a intuição, configura-se em um método que leva o homem ao fundamento de todas as coisas.

Em Espinosa, o método é caracterizado pela apreciação, isto é, verifica-se o Máximo – que é Deus – e declina, portanto, em direção ao mínimo que é o mundo. Neste movimento, encontramos a verdade de “que o *seu método* é sintético, construtivo, progressivo, e procede da causa aos efeitos”⁴.

Enfim, para nós o conceito de substância não se resume apenas nestes três pensadores, mas se deve a eles a importância de tal conceito dentro da filosofia, especialmente em si tratando daquilo que está além da física, por isso que o pensamento de Espinosa modera a problemática em torno do tema que desenvolvemos nestes três capítulos, pois se demonstra que é necessário se ter “uma única substância para todos os atributos, uma única Natureza para todos os corpos, uma única Natureza para todos os indivíduos, uma Natureza que é ela própria um indivíduo variando de uma infinidade de maneiras”⁵

⁴ DELEUZE, Gilles. *Espinosa Filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002. p. 117. *Grifo nosso*

⁵ *Ibidem*, p. 127

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. 4ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

Aristóteles. **Ensaio introdutório a Metafísica**. Tradução Marcelo Perini. v.I. São Paulo: Loyola, 2001.

_____. **Metafísica**. Tradução Marcelo Perini. vol. II. São Paulo: Loyola, 2002.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. 13ª ed. São Paulo: Ática. 2006.

DESCARTES, René. **Discurso do Método**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **Princípios da filosofia**. Tradução Heloisa da Graça Buriti. São Paulo: Rideel, 2005. (Biblioteca Clássica)

_____. **As paixões da alma**. Tradução Rosemary Costhek Abílio. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2005. (Clássicos).

_____. **Meditações sobre filosofia primeira**. Tradução Fausto Castilho. Campinas, São Paulo: Editora da UNICAMP, 2004.

DELBOS, Victor; **O espinosismo: curso proferido na Sorbonne em 1992-1993**. Tradução Homero Silveira Santiago. São Paulo: Discurso Editorial, 2002.

DELEUZE, Gilles. **Espinosa Filosofia prática**. Tradução Daniel Lins e Fabien Pascal Lins. São Paulo: Escuta, 2002.

ESTRADA DIAZ, Juan Antônio; **Deus nas tradições filosóficas: da morte de Deus à crise do sujeito**. Tradução Maria A. Diaz. v. II. São Paulo: Paulus, 2003. (Filosofia).

FILLIPO, Selvaggi. **Filosofia do mundo: cosmologia filosófica**; tradução Alexander A. MacIntyre. São Paulo: Loyola, 1998. (Coleção filosofia)

GILBERT, Paul. **Prolegômenos a metafísica**. Tradução Paulo Meneses, SJ. São Paulo: Loyola, 2004.

GUIDO, Imaguire; ALMEIDA, Custódio Luis S. de; OLIVEIRA, Manfredo Araújo de; (Orgs). **Metafísica contemporânea**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2007.

JOÃO PAULO II. **Fides et Ratio**. 7ª ed. São Paulo: Paulinas, 2004. nº 83.

MARIANO, Artigas. **Filosofia da natureza**. Tradução José Eduardo de Oliveira e Silva. São Paulo: Instituto Brasileiro de Filosofia e Ciência "Raimundo Lúlio", 2005.

MARQUES, Jordino; **Descartes e sua concepção de homem**. São Paulo: Loyola, 1993. (Coleção Filosofia).

MOLINARO, Aniceto. **Metafísica: curso sistemático**. Tradução João Paixão Netto, Roque Frangiotti. 2ª ed. São Paulo: Paulus, 2002.

MONDIM, Batista. **Os filósofos do ocidente**. Tradução Bênoni Lemos. 12ª ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 1. (coleção filosófica).

_____. **Os filósofos do ocidente**. Tradução Bênoni Lemos. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2. (coleção filosófica; 3).

_____. **Introdução à filosofia: problemas, sistemas, autores, obras**. Tradução J. Renard. 15ª ed. São Paulo: Paulus, 2004. (coleção filosofia; 2)

MORA, Ferrater J. **Dicionário de Filosofia: tomo IV (Q-Z)**. São Paulo: Loyola, 2001. (coleção)

MOREAU, Joseph. **Espinosa e o Espinosismo**. Tradução Lurdes Jacob e Jorge Ramalho. Biblioteca Básica de Filosofia. 1971.

OLIVEIRA, Manfredo; ALMEIDA, Custódio. (Orgs). **O Deus dos filósofos modernos**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

PASCAL, Blaise. **Pensieri, 77 – 79; 146 – 147**. San Paolo: Paulus, 1996

Platão. **Fedro**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

_____. **Fédon**. São Paulo: Martin Claret, 2004.

REALE, Giovanni; ANTISERI, Dário. **História da filosofia: Antigüidade e idade média**. 9ª ed. São Paulo: Paulus, 2005. v. 1. (coleção Filosofia).

_____. **História da filosofia: do humanismo a Kant**. 6ª ed. São Paulo: Paulus, 2003. v. 2. (coleção Filosofia).

ROSENFELD, Denis L. **Descartes e as peripécias da razão**. São Paulo: Iluminuras, 1996.

ROSSI, Roberto. **Introdução a filosofia: História e sistemas**. Tradução Aldo Vannucchi. São Paulo: Loyola, 1996.

SANTIAGO, Homero. **O ente absolutamente infinito**. São Paulo, Revista Espinosa, páginas 43 a 45, número 8, Fevereiro de 2007.

SCRUTON, Roger. **Espinosa**. Luiz Paulo Rouanet. São Paulo: Loyola, 2001.

SPINOZA, Benedictus de. **Pensamentos metafísicos; tratado da correção do intelecto; Ética; Tratado político; Correspondência**; Tradução Marilena de Sousa Chauí. 3ª ed. São Paulo: Abril Cultural, 1983. (Os Pensadores).

SPROUL, Robert Charles. **Filosofia para iniciantes**. Tradução Hans Udo Fuchs. São Paulo: Vida Nova, 2002.

STRENGER, Irineu. **História da filosofia**. São Paulo: 1998.

VERGEZ, André; HUISMAN, Denis. **História dos filósofos**. Tradução Lélia de Almeida Gonzáles. 7ª ed. Rio de Janeiro: Freitas Bastos, 1988.

ZILLES, Urbano. **Teoria do conhecimento**. 5ª ed. Porto Alegre: Edipucrs, 2006. (coleção filosofia 21)

ZINGANO, Marco. (Org.) **Sobre a metafísica de Aristóteles**. São Paulo: Odysseus, 2005.